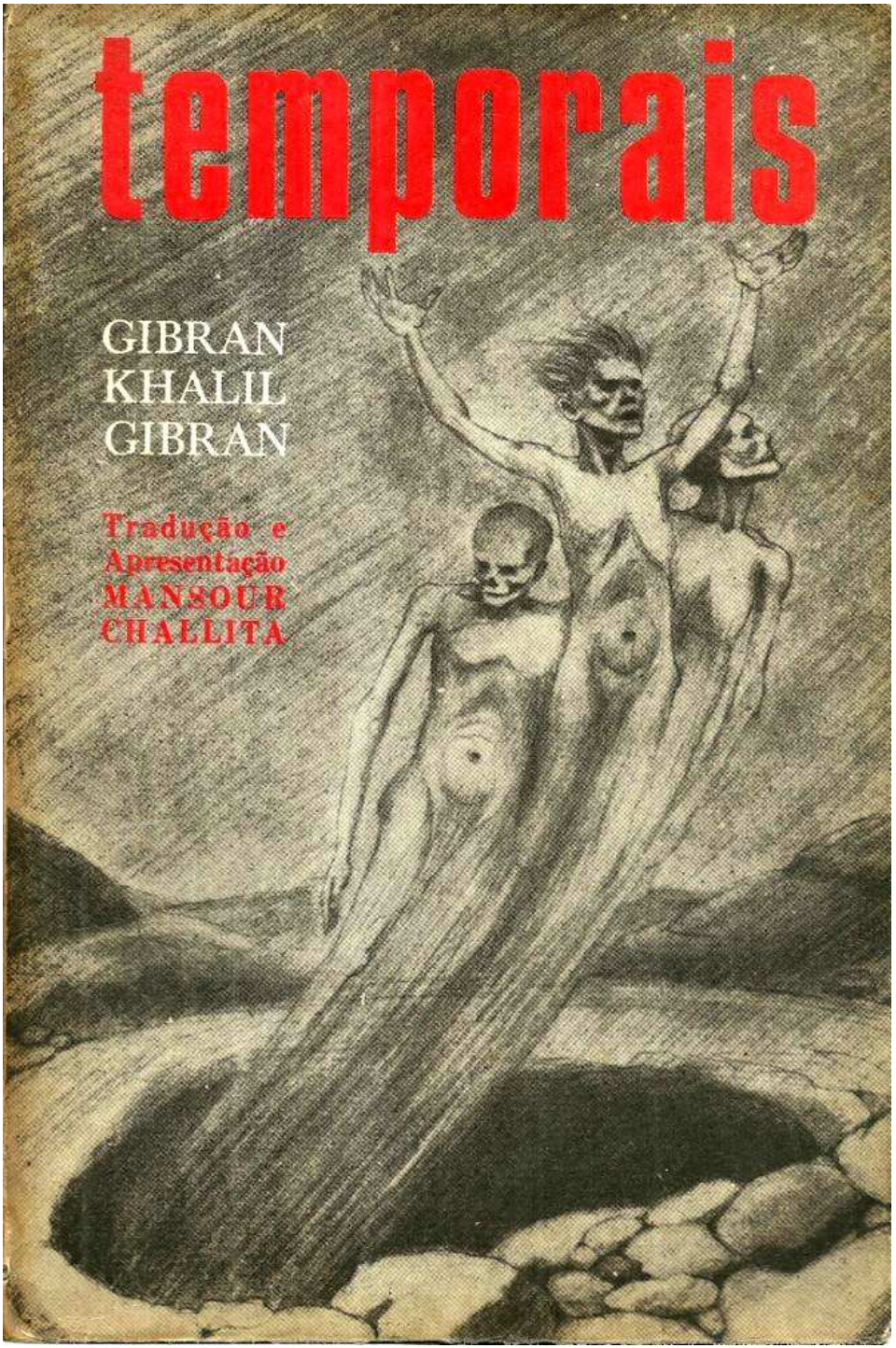
temporais

GIBRAN
KHALIL
GIBRAN

Tradução e
Apresentação
MANSOUR
CHALLITA



GIBRAN KHALIL GIBRAN

TEMPORAIS

Tradução e Apresentação de MANSOUR CHALLITA

Associação Cultural Internacional Gibran

Apresentação, por Mansour Challita ix
Satanás
O Conhecimento de Si Mesmo
A Escravidão
Veneno no Mel
Os Dentes Cariados
Ó Noite!
A Presença Invisível
Bulos As-Solban
Os Gigantes
As Nações
A Tempestade
A Fada Feiticeira
Entre a Noite e a Aurora
Ó Filhos da Minha Mãe
A Violeta Ambiciosa
O Coveiro
Meus Parentes Morreram
Anestésicos e Escalpelos

Nós e Vós
Jesus Crucificado
O Poeta de Baalbeck
Atrás do Véu
O Poeta
Estrume Prateado
Antes do Suicídio
Palavras e Palavreadores
Nas Trevas da Noite
Filhos de Deuses e Netos de Macacos
À Porta do Templo
O Rei Encarcerado
Uma Visão

APRESENTAÇÃO
MANSOUR CHALLITA

AS TEMPESTADES DE GIBRAN

Na dedicatória pela qual oferecia a Mary Haskell seu livro Uma Lágrima e Um Sorriso, chamava Gibran aquele livro "o primeiro sopro da tempestade da minha vida."
Era, de fato, o primeiro livro, pela data, de Gibran. Era, ao mesmo tempo, o primeiro sopro da tempestade de Gibran, isto é, de uma série de escritos revolucionários com os quais Gibran esperava destruir tradições e instituições que julgava superadas, derrotar a opressão dos mais fortes, denunciar a vilania e a estupidez, desmantelar o trono dos gananciosos, humilhar o clero que prega o que não pratica — e, sobre todos

esses escombros, edificar uma nova concepção, um novo estilo de vida.
Após esse primeiro livro, vieram outros (Asas Partidas, As Ninfas do Vale, As Almas Rebeldes), todos inspirados pela mesma ira sagrada.
Temporais, que apresentamos hoje ao leitor brasileiro, é o último sopro dessa tempestade.
Após Temporais, Gibran o revolucionário transformar-se-á em Gibran o filósofo, o sábio, mais preocupado com a alma humana do que com as instituições sociais, convencido de que os piores inimigos do homem estão dentro dele e não fora dele, e que a compreensão e a compaixão são melhores instrumentos de reforma e de progresso do que a condenação e a destruição.
Virão então os livros de mais ampla visão e mais profunda ternura como O Profeta, Jesus, O Filho do Homem, Areia e Espuma e outros.
Uma tempestade perde geralmente do seu ímpeto na medida em que se desenvolve. A tempestade de Gibran não fez senão aumentar em violência do início ao fim. Seu último sopro, este livro, é o mais violento de todos.
É, também, literariamente falando, o mais imponente.
Como a maioria dos livros de Gibran, Temporais é composto de textos diversos, escritos em diferentes datas e ocasiões: preleções, histórias, parábolas, meditações, que foram, primeiro, publicados em revistas e jornais e, depois, reunidos em volume.

Os inimigos que Gibran combate neste livro são os inimigos que combateu em todos os seus livros anteriores.
Os amigos que ele defende são os mesmos que antes defendeu.
As idéias que ele prega ou denuncia são também as mesmas.
Mas o tom adquiriu um extremismo e uma virulência que ultrapassam tudo o que Gibran havia já expresso. E Gibran o sabe e orgulha-se disto: "Sou extremista, diz ele no capítulo Anestésicos e Escalpelos, porque quem é moderado na proclamação da verdade proclama somente a metade da verdade e deixa a outra metade velada pelo medo do que o mundo dirá."
Quais são os inimigos que Gibran ataca com tamanho vigor?
Em primeiro lugar, seus inimigos tradicionais, visíveis e invisíveis: o casamento, as leis, o clero, os ricos. Em O Coveiro, escreve: "O homem que vive com sua mulher e seus filhos vive numa negra infelicidade, mas camufia-a com pintura branca." Em Satanás, procura destruir pelo escárnio mais impiedoso a própria base da vida sacerdotal. Em Estrume Prateado, joga o descrédito sobre os ricos, insinuando que toda riqueza tem alguma origem vergonhosa.
Mas Gibran estendeu mais ainda o círculo de suas imprecações. Para ele, todos os orientais são perversos: "Quem critica minhas atitudes, que me indique, entre os orientais, um só juiz justo, um só legislador íntegro, um só chefe religioso fiel aos

seus próprios ensinamentos, um só marido que olha para sua mulher como olha para si mesmo."
A cólera de Gibran o leva mais longe ainda. Seu menosprezo abrange a Humanidade toda. Em O Coveiro, aconselha aos homens casarem-se com as filhas das fadas, que não podem ser nem vistas nem tocadas, pois assim a Humanidade deixará de reproduzir-se a si mesma e "desaparecerão pouco a pouco as criaturinhas que se agitam com a tempestade e não andam com ela." Para ele, a única profissão benéfica é a de coveiro, na medida em que "livra os vivos dos cadáveres que se amontoam em volta de suas moradas e tribunais e templos."
No capítulo Filhos de Deuses e Netos de Macacos, ele e alguns seres indeterminados são os filhos dos deuses, enquanto que todos os demais são netos de macacos, a quem Gibran se dirige assim: "Andastes um só passo para a frente desde que saístes das fendas da terra?... Há 70.000 anos, passei por vós. Estáveis agitando-vos como vermes nas fendas das grutas. E há sete minutos, olhei através do vidro da minha janela, e vos vi andando nas ruas sujas, os grilhões da escravidão apertando vossos pés, e as asas da morte batendo acima de vossas cabeças."
No capítulo O Rei Encarcerado, faz uma descrição burlesca dos homens, todos os homens, preferindo-lhes os animais da floresta: "Olha, ó rei poderoso, para os que circundam agora teu cárcere... Contempla os que se assemelham aos coelhos pela sua fragilidade, ou às raposas pela sua duplicidade, ou às serpentes pela sua

hipocrisia; mas nenhum deles possui a mansidão do coelho ou a inteligência da raposa ou a sabedoria da serpente.
"Olha: este é nojento como o porco, mas sua carne não se come; e aquele é áspero como o crocodilo, mas de nada serve sua pele; e esse é estúpido como o burro, mas anda sobre dois pés. E aquele outro é azarento como o corvo, mas vende seu pio nos templos; e aquela é vaidosa como o pavão, mas suas plumas são postiças."
E onde estão os amigos de Gibran? Seu número e sua importância diminuíram muito. Os pobres são menos enaltecidos e menos amados que anteriormente. Pois na pobreza, Gibran passa a ver uma manifestação de pusilanimidade e de covardia mais do que de desprendimento e bondade. Ele — que escreveu em Marta, de Ben: "É melhor ser a flor pisada do que o pé que pisa a flor" — diz agora:
"Amava-vos, ó filhos da minha mãe. Mas meu amor me prejudicava e não vos beneficiava. Agora, detesto-vos...
"Tinha pena de vossa fraqueza, ó filhos de minha mãe. Mas a piedade só serve para aumentar o número dos fracos e dos indolentes, e não beneficia a vida em nada. Hoje, quando vejo vossa fraqueza, minha alma treme de desgosto e se retrai de desdém.
"Chorava por vossa humildade e esmagamento, e minhas lágrimas corriam claras como o cristal. Mas não lavaram vossas chagas. Hoje, rio-me de vossas dores."

Que aconteceu, que mudou assim a alma de Gibran? Afirma seu biógrafo Mikhail Naaime que, na época de Temporais, Gibran acabava de descobrir Nietzsche e seu culto do super- homem, e ficou impressionado e conquistado. E adotou as atitudes de Nietzsche sem perceber que se opunham frontalmente à sua própria índole e às virtudes evangélicas tantas vezes pregadas nos seus primeiros livros.

Acrescenta Naaime que o manto de Nietzsche se revelou inadequado para Gibran, que não tardou em rejeitá-lo. Na realidade, o paroxismo revolucionário manifesto em Temporais foi seu próprio antídoto e provocou em Gibran uma reação que o transformaria. Após Temporais, surgirá um novo Gibran, o homem maior que estava nele, revelando sua verdade em O Profeta e em tantos outros livros do mais tocante afeto humano.

Resta acrescentar que, apesar de seus excessos doutrinários, Temporais é a obra-prima dos livros árabes de Gibran. (A partir desse livro, Gibran escreverá exclusivamente em inglês.) O estilo, as imagens, as parábolas ultrapassam às vezes os do próprio Nietzsche. A história da violeta que queria ser rosa, a evocação de Jesus Crucificado numa Sexta-Feira Santa, ou a presença invisível de Jesus num dia de Páscoa ou a poderosa sombra do Coveiro, ocupam em qualquer imaginação um lugar definitivo.

Longe estão os dias do estilo romântico e algo choroso de Uma Lágrima e um Sorriso. Aqui, a frase é feita de nervos e músculos, embora tenha

guardado toda a melodia e toda a beleza escultural características do estilo oriental.
Temporais é digno de seu nome. Se derruba por acaso alguns deuses, derruba tantos falsos ídolos, tantas estúpidas quimeras, que sua leitura nos estimula e nos engrandece como um tônico de gigantes.

Temporais

SATANÁS

O Padre Simão era conhecedor profundo dos assuntos espirituais e teológicos, versado nos segredos do pecado venial e mortal e nos mistérios do Inferno, Purgatório e Paraíso.
Percorria as aldeias do Líbano do Norte, pregando penitência aos fiéis, curando suas almas do mal e prevenindo-os contra as armadilhas do demônio, a quem padre Simão combatia dia e noite sem desanimar e sem descansar.
Os camponeses veneravam padre Simão e gostavam de comprar suas preleções e preces com prata e ouro, e disputavam o privilégio de presenteá-lo com o melhor de suas colheitas.
Certa tarde de outono, padre Simão caminhava por um lugar isolado em direção a uma aldeia perdida entre aqueles montes e vales, quando ouviu gemidos dolorosos vindos da beira da

estrada. Olhou e viu um homem desnudo, estendido sobre o pedregulho; o sangue jorrava-lhe de feridas profundas na cabeça e no peito, e ele implorava socorro: "Salva-me! Ajuda-me! Tem pena de mim! Estou morrendo."

O padre parou, perplexo, considerou o homem e concluiu: "Deve ser algum salteador, que atacou um viajante e foi repelido. Está agonizando. Se expirar em minhas mãos, responsabilizar-me-ão pela sua morte."

E reiniciou sua marcha. Mas o moribundo deteve-o de novo: "Não me abandones, não me abandones. Tu me conheces e eu te conheço. Vou morrer se não me socorreres."

O padre empalideceu, e pensou: "Deve ser um dos loucos que vagueiam por estas campinas. O aspecto dos seus ferimentos me arrepia. Em que posso ajudá-lo? O médico das almas não cura os corpos."

E andou mais alguns passos. Mas o ferido lançou um grito que comoveria até as pedras: "Aproxima-te de mim. Somos amigos há muito tempo. És o padre Simão, o bom pastor; e eu não sou um salteador nem um louco. Aproxima-te de mim para que te diga quem sou."

O padre aproximou-se, inclinou-se sobre o moribundo e viu uma face estranha, na qual se misturavam a inteligência e a astúcia, a fealdade e a beleza, a perversidade e a doçura. Recuou e gritou: "Quem és tu? Nunca te vi em minha vida."

O moribundo mexeu-se ligeiramente, fitou os olhos do padre com um sorriso significativo, e disse numa voz profunda e suave: "Eu sou Satanás."

O padre soltou um grito terrível, que ecoou pelos recantos daquele vale, examinou novamente seu interlocutor, verificou sua semelhança com a figura dos demônios pintados na tela do Juízo Final que guarnecia a parede da igreja da aldeia, e bradou, trêmulo: "Deus me revelou tua face infernal para alimentar meu ódio por ti. Sê maldito até o fim dos tempos!"

O demônio respondeu com certa impaciência: "Não sabes o que dizes, e não calculas o crime que cometes contra ti mesmo. Eu fui e continuo a ser a causa de teu bem-estar e de tua felicidade. Menosprezas meus benefícios e negas meu mérito, enquanto vives à minha sombra? Não foi minha existência a justificação da profissão que escolheste, e meu nome, o lema de tua vida? Que outra profissão abraçarias, se o destino decretasse a minha morte e os ventos desvanecessem o meu nome?

"Há vinte e cinco anos, percorres estas aldeias para prevenir os homens contra minhas armadilhas, e eles compram tuas preleções com seu dinheiro e os frutos dos seus campos. Que outra coisa comprariam de ti amanhã, se soubessem que seu inimigo, o demônio, morreu e que estão livres dos seus malefícios?

"Não sabes, em tua ciência, que quando a causa desaparece, as conseqüências desaparecem também? Como aceitas, pois, que eu morra e que tu percas, assim, tua posição e o ganha-pão de tua família?"

O demônio calou-se. Os traços do seu rosto não exprimiam mais a súplica, mas, antes, a confiança. Depois, falou de novo:

"Ouve-me, ó impertinente ingênuo, e te mostrarei a verdade que liga meu destino ao teu. Na primeira hora da existência, o homem pôs-se de pé diante do sol, estendeu os braços e clamou: 'Atrás das estrelas, há um Deus poderoso, que ama o bem.' Depois, virou as costas ao sol e viu sua sombra alongada no chão, e gritou: 'E nas profundezas da terra, há um demônio maldito, que gosta do mal.'

"E o homem voltou à sua gruta; murmurando: 'Estou entre dois deuses terríveis: um é meu protetor; o outro, meu inimigo.' E durante séculos, o homem sentiu-se vagamente dominado por duas forças: uma boa, que ele abençoava; outra má, que ele amaldiçoava.

"Depois, apareceram os sacerdotes e eis, meu irmão, a história de sua aparição: Havia, na primeira tribo que se formou sobre a terra, um homem chamado Laús, que era inteligente, mas preguiçoso. Detestava os trabalhos braçais de que se vivia naquela época, e muitas vezes tinha que dormir de estômago vazio.

"Numa noite de verão, quando os membros da tribo estavam reunidos em volta do chefe, a conversar descansadamente, um deles levantou-se, de repente, apontou para a lua e disse com medo: 'Olhem para o deus da noite: sua cor empalideceu, ele está se transformando numa pedra preta.'

"Todos olharam a lua, e tremeram. Então, Laús, que tinha visto outros eclipses, levantou-se no meio da assembléia, ergueu os braços ao céu e, pondo em sua voz todo o fingimento de que era capaz, disse piedosamente: 'Prosternai-vos, meus irmãos, e orai; pois o deus das trevas está agredindo o deus incandescente da noite. Se o primeiro vencer, morreremos; se for derrotado, viveremos. Orai para que vença o deus da lua.'

"E Laús continuou a falar, até que a lua voltou ao seu esplendor natural. Os presentes ficaram maravi¬lhados e manifestaram sua alegria com canções e danças. E o chefe da tribo disse a Laús: 'Conseguiste, esta noite, o que nenhum mortal conseguiu antes de ti. E descobriste segredos do universo que nenhum de nós conhecia. Regozija-te, pois a partir de hoje serás o segundo homem da tribo, depois de mim. Eu sou o mais valente e o mais forte, e tu és o mais culto e o mais sábio. Serás, portanto, o intermediário entre os deuses e mim, revelando-me seus segredos e ensinando-me o que devo fazer para merecer sua aprovação e sua benevolência.'

"Respondeu Laús: 'Tudo o que os deuses me revelarem no meu sonho, eu te revelarei ao despertar. Serei o intercessor entre os deuses e ti.'

"O cacique regozijou-se e presenteou Laús com dois cavalos, sete bois, setenta cordeiros e setenta ovelhas. E disse-lhe: 'Os homens da tribo construir-te-ão uma casa igual à minha e oferecer-te-ão, em cada colheita, parte dos frutos da terra. Mas, dize-me, quem é esse deus do mal, que se atreveria a agredir o deus resplandecente?'

"Laús respondeu: 'É o demônio, o maior inimigo do homem, a força que desvia a marcha do furacão para as nossas casas, que manda a seca às nossas plantações e as moléstias aos nossos rebanhos, que se alegra com nossa infelicidade e se entristece com nossos júbilos. Precisamos estudar seus humores e táticas para prevenir seus malefícios e frustrar seus ardis.'

"O cacique apoiou a cabeça em seu cajado e sussurrou: 'Sei agora o que ignorava: a humanidade saberá também o que sei e te honrará, Laús, porque nos revelaste os mistérios do nosso terrível inimigo e nos ensinaste a combatê-lo vitoriosamente.'

"E Laús voltou à sua tenda, eufórico com sua habilidade e imaginação. E o cacique e seus homens passaram uma noite povoada de pesadelos.

"Assim apareceram os sacerdotes no mundo. E minha existência foi a causa de sua aparição. Laús foi o primeiro a fazer da luta contra mim a sua profissão. Mais tarde, a profissão prosperou e evoluiu até se tornar uma arte fina e sagrada, que abraçam somente os espíritos maduros e as almas nobres e os corações puros e as vastas imaginações.

'"Em cada cidade que se erguia à face do sol, meu nome era o centro das organizações religiosas e culturais e artísticas e filosóficas. Eu construía os mosteiros e os ermitérios sobre o medo, e fundava os caberés e os bordéis sobre a luxúria e o gozo. Sou o pai e a mãe do pecado. Queres que o pecado morra, com minha morte?

"Curioso é que me esfalfei a mostrar-te uma verdade que conheces melhor do que eu, e que serve a teus interesses ainda mais do que aos meus. Agora, faze o que quiseres. Carrega-me em tuas costas para tua casa e medica meus ferimentos, ou deixa-me agonizar e morrer aqui!"
Enquanto o demônio discursava, o padre Simão se agitava e esfregava as mãos. Depois, disse numa voz encabulada e hesitante: "Sei agora o que ignorava há uma hora; perdoa, pois, minha ingenuidade: Sei que estás no mundo para tentar, e a tentação é a medida com que Deus determina o valor das almas.
"Sei agora que, se morreres, a tentação morrerá contigo, e assim desaparecerão as forças que obrigam o homem à prudência e o levam a rezar, jejuar e adorar. Deves viver, porque sem ti os homens deixarão de temer o inferno e mergulharão nos vícios. Tua vida é, portanto, necessária à salvação da Humanidade; e eu sacrificarei meu ódio por ti no altar do meu amor pela Humanidade."
O demônio soltou uma gargalhada similar à explosão dos vulcões, e disse: "Que inteligência e que habilidade, ó reverendo padre! E que conhecimento sutil da teologia! Com tua perspicácia, criaste uma justificativa para a minha existência, que eu próprio ignorava."
Então, o padre Simão aproximou-se do demônio, carregou-o às costas e prosseguiu no seu caminho.

O CONHECIMENTO DE SI MESMO

Numa noite chuvosa, em Beirute, Salim Efêndi Deaibês estava meditando sobre o convite de Sócrates: Conhece-te a ti mesmo.
"Sim, dizia, esta é a chave e a base de todo o saber. Preciso conhecer-me a mim mesmo." E levantou-se e plantou-se em frente a um enorme espelho e, depois de contemplar-se longamente, começou a enumerar suas características:
"Sou de estatura baixa. Assim eram Napoleão e Victor Hugo.
"Tenho a fronte estreita. Assim era a de Sócrates e Spinoza.
"Sou calvo. Assim era Shakespeare.
"Tenho um nariz grande e aquilino. Assim era o de Savonarola e Voltaire e George Washington.
"Tenho os olhos melancólicos. Assim eram os de Paulo o Apóstolo e Nietzsche.
"Tenho os lábios grossos. Assim eram os de Aníbal e Marco Antônio."
Depois de enumerar dezenas de características semelhantes, Salim concluiu: "Eis a minha personalidade. Eis a minha verdade. Sou um conjunto de qualidades que distiguiram os grandes homens desde o começo da História. Pode um moço assim dotado deixar de realizar algo grande neste mundo?"
Uma hora mais tarde, nosso herói estava adormecido, vestido, sobre a cama desfeita, e seus roncos pareciam mais o ruído de um moinho do que a respiração de um ser humano.

A ESCRAVIDÃO

Os homens são escravos da vida, e a escravidão marca seus dias de vileza e suas noites, de sangue e lágrimas.
Sete mil anos já se passaram desde o meu primeiro nascimento, e até hoje nunca vi senão escravos...
Percorri a Terra, do Oriente ao Ocidente, e conheci a luz e a sombra da vida, e, contemplei a procissão dos povos na sua marcha das grutas aos palácios, mas nunca vi senão pescoços curvados sob os jugos e braços acorrentados e joelhos dobrados perante os ídolos.
Acompanhei o homem da Babilônia a Paris e de Ninive a Nova Iorque, e vi os traços de suas cadeias impressos na areia, ao lado das marcas de seus passos, e ouvi os vales e as florestas repetirem o eco das lamentações das gerações e dos séculos.
Visitei palácios e institutos e templos, e aproximei-me de tronos e altares e tribunais, e não vi senão escravos: vi o operário escravo do comerciante, e o comerciante escravo do militar, e o militar escravo do governante, e o governante escravo do rei, e o rei escravo do sacerdote, e o sacerdote escravo do ídolo — e o ídolo: um punhado de barro, modelado pelos demônios e erguido sobre um montículo de crânios.
Acompanhei as gerações das margens do Ganges ao desembocar do Nilo, ao Monte Sinai, às praças públicas da Grécia, às igrejas de Roma, às ruas de Constantinopla, aos edifícios de Londres, e vi a escravidão caminhar em toda parte: ora, oferecem-lhe sacrifícios e chamam-lhe deus; e ora

vertem vinho e perfumes aos seus pés e chamam-lhe rei; ou queimam incenso ante suas estátuas e chamam-lhe profeta; ou prosternam-se perante ela e chamam-lhe lei; ou lutam e se massacram por ela e chamam-lhe patriotismo; ou submetem- se passivamente a ela e chamam-lhe religião; ou incendeiam e demolem suas próprias moradas por sua causa e chamam-lhe fraternidade e igualdade, ou labutam e lutam para conquistá-la e chamam-lhe dinheiro e comércio... Pois ela tem muitos nomes, mas uma só essência...

Uma de suas variedades mais estranhas é a escravidão cega, que solda o presente dos homens ao passado de seus pais e submete suas almas às tradições de seus avós, fazendo deles corpos novos para espíritos velhos e túmulos pintados para esqueletos decompostos.

E há a escravidão muda, que prende o homem a uma esposa que ele detesta, e prende a mulher a um marido que ela odeia, rebaixando-os ao nível da sola no calçado da vida.

E há a escravidão surda, que obriga os indivíduos a seguir os gostos de seu meio e a tomar sua cor e a adotar suas modas até que se tornem como os ecos da voz e a sombra dos corpos...

Quando me cansei de contemplar as procissões, sentei-me no vale das sombras, e vi uma sombra magricela a caminhar sozinha rumo ao sol. Perguntei-lhe:

— Quem és tu?

— Eu sou a Liberdade

— E onde estão teus filhos?

— O primeiro morreu crucificado, o segundo morreu louco, e o terceiro ainda não nasceu.

VENENO NO MEL

Numa manhã de outono que, no norte do Líbano, tem um esplendor desconhecido alhures, os aldeões de Tula se reuniram na praça da igreja para comentar a repentina viagem de Fares Rahal que, tendo abandonado inesperadamente sua jovem esposa, tomara um rumo desconhecido.

Fares Rahal era o líder da aldeia. Havia herdado sua primazia de seu avô e de seu pai. E embora jovem, havia nele uma superioridade que se impunha.

Quando se casara na primavera com Suzana Barakat, todos disseram: "Que felizardo! Conseguiu, com menos de 30 anos, tudo o que o homem pode desejar neste mundo."

Mas, naquela manhã, quando os habitantes de Tula, ao acordarem, souberam que Fares havia juntado o que pudera de seu dinheiro, montado seu cavalo e deixado a aldeia sem se despedir de ninguém, sentiram-se perplexos e começaram a procurar os motivos que podem levar um homem como ele a abandonar de repente sua gente, sua esposa, sua casa, seus campos e vinhedos.

No Norte do Líbano, a vida se assemelha ao socialismo mais do que a qualquer outro sistema. Todos partilham as alegrias e tristezas da vida, levados por instintos simples e singelos. E fazem frente, juntos, a todos os grandes acontecimentos.

Foi por isto que os habitantes de Tula abandonaram suas tarefas cotidianas e se reuniram em volta da igreja para trocarem opiniões sobre a misteriosa partida de Fares Rahal. Enquanto conversavam, viram o padre Estêvão, pároco da cidade, aproximar-se deles, a cabeça inclinada, o rosto sombrio. Acolheram-no com olhares interrogativos.

— Não me façam perguntas, disse ele por fim. Tudo quanto sei é o seguinte: Fares veio bater à minha porta antes da aurora. Seu rosto estava marcado pela tristeza. Disse: 'Vim despedir-me, padre. Vou-me para além-mar, e não voltarei vivo a este país.' Depois, entregou-me uma carta lacrada, endereçada ao seu amigo Nagib Malik, e pediu-me que lha entregasse pessoalmente. Feito isso, saltou sobre seu cavalo e desapareceu antes que pudesse fazer-lhe uma pergunta.

Conjecturou alguém: "Sem dúvida, a carta explica os motivos da viagem, pois Nagib era seu melhor “amigo."

Perguntou outro: "Tem visto a esposa dele, padre?"

Respondeu o padre: "Visitei-a após as preces da manhã. Encontrei-a sentada à janela. Fixava as distâncias com olhos de vidro, como se tivesse perdido a razão. Quando a interroguei, abanou a cabeça e murmurou: 'Não sei. Não sei.' E desatou a chorar como uma criança."

De repente, ouviu-se um tiro de revólver, e todos estremeceram. Seguiram-se os gritos de uma mulher. Os aldeões ficaram um minuto atônitos; depois, correram na direção do tiro. Quando

chegaram perto da casa de Fares Rahal, viram Nagib Malik estendido no chão, com sangue jorrando de seu corpo. A poucos passos dele, Suzana, a esposa de Fares Rahal, arrancava o cabelo e gemia: "Suicidou-se. Suicidou-se."
O povo parou, apavorado. O padre viu na mão do infeliz a carta que ele lhe entregara naquela manhã. Retirou-a e pô-la discretamente no bolso.
Carregaram o corpo do suicida à casa de sua mãe, que, ao ver o cadáver do filho único, perdeu os sentidos.
As mulheres cuidaram de Suzana e a levaram entre viva e morta.
Quando padre Estêvão voltou para casa, trancou a porta, colocou os óculos e abriu a carta de Nagib Malek e leu-a com voz trêmula:
"Nagib, meu irmão,
"Estou abandonando esta cidade porque minha presença aqui é causa de infelicidade para ti, para minha esposa e para mim mesmo.
"Sei que tu és nobre demais para trair teu amigo e vizinho. Sei que Suzana, minha esposa, é pura e incapaz de cometer um pecado.
"Mas sei também que o amor que liga teu coração ao dela é mais forte que vossas vontades. Tu não o podes deter, como não podes deter o curso do rio Kadisha. Fomos amigos, Nagib, desde que éramos garotos. E desejo que continues a pensar em mim como o tens feito até hoje. E se te encontrares com Suzana amanhã ou depois de amanhã, dize-lhe que a amo e não a censuro. Dize-lhe que tinha, ao contrário, pena dela quando

acordava de noite e a via ajoelhada perante a imagem de Jesus, orando e chorando.
"Nada é tão cruel quanto o destino de uma mulher posta entre o homem que ela ama e o homem que ela deve amar. E Suzana estava numa guerra permanente. Queria manter-se fiel às suas obrigações; mas não podia matar seus sentimentos. É por isto que vou-me para uma terra longínqua, de onde nunca voltarei. Não quero continuar a ser um obstáculo no caminho de vossa felicidade.
"Finalmente, peço-te, amigo e irmão, ficar fiel a Suzana e ampará-la até o fim. Ela sacrificou tudo por tua causa. E permanece, ó Nagib, tal qual te conheço: coração nobre, alma elevada. E que Deus te proteja!
Fares Rahal."
Padre Estêvão dobrou a carta e devolveu-a ao bolso com ar sonhador. Sentia que algo ainda lhe escapava.
Logo depois, levantou-se, agitado, como se tivesse descoberto um segredo terrível, escondido sob aparências benignas. E gritou: "Fenomenal é tua astúcia, ó Fares Rahal! Soubeste matar teu amigo e ficar inocente do seu sangue. Mandaste-lhe o veneno misturado com mel. Quando ele dirigiu o revólver contra o próprio peito, tua mão segurava sua mão, e tua vontade dominava sua vontade... Mortal é tua astúcia, ó Fares Rahal!..."
E padre Estêvão voltou à sua cadeira, acariciando a barba com os dedos, o rosto iluminado por um sorriso diabólico.

Do centro da aldeia, chegavam até ele as lamentações das mulheres.

OS DENTES CARIADOS

Havia na minha boca um dente cariado. Era um dente ardiloso e malvado: permanecia quieto o dia todo; e só começava a doer de noite, quando os dentistas estavam dormindo e as farmácias, fechadas.
Certo dia, perdi a paciência e procurei um dentista e disse-lhe: "Livre-me, por favor, deste dente hipócrita."
O dentista objetou: "Seria tolice arrancar um dente que podemos tratar."
E começou a cavar e limpar e desinfetar. Quando o dente não tinha mais cárie, o dentista o obturou e declarou com orgulho: "Este dente está agora mais sólido do que os outros."
Acreditei nas suas palavras, enchi suas mãos de dinheiro e fui embora, satisfeito.
Mas uma semana depois, o maldito dente voltou a atormentar-me.
Procurei outro dentista, e disse-lhe: "Arranque este dente sem discutir. Pois sofrer é diferente de ver sofrer."
O dentista arrancou o dente. Foi uma hora terrível, mas benéfica. E, examinando o dente, disse: "Fez bem em arrancá-lo. A cárie já atingira as raízes. Não havia meio de recuperá-lo."

Dormi em paz naquela noite e em todas as noites seguintes.

Na boca deste ser que chamamos a Humanidade, há também dentes cariados. E a cárie já atingiu a raiz. Mas a Humanidade não os arranca. Prefere tratá-los e limpá-los e obturá-los com ouro brilhante.

Quantos dentistas estão ocupados em tratar os dentes da Humanidade! E quantos doentes se entregam a esses médicos; e sofrem e agüentam — para depois morrer.

E a nação que enfraquece e morre não ressuscita, para revelar suas doenças ao mundo e a ineficácia dos remédios sociais que a levaram ao túmulo.

Na boca das nações orientais, há também dentes cariados, sujos e nauseabundos. Nossos dentistas tentam obturá-los. Mas esses dentes não se curarão. É preciso arrancá-los. Pois a nação que tem dentes cariados tem o estômago debilitado.

Quem quiser ver os dentes cariados de uma nação oriental, visite suas escolas, onde os homens de amanhã decoram o que Al-Akfash disse, citando Sibauaih, e o que Sibauaih dissera, citando os cameleiros.

Ou visite os seus tribunais, onde a astúcia esvazia as leis.

Ou visite os palácios dos ricos, onde o esnobismo coabita com a hipocrisia.

Ou visite os casebres dos pobres, onde a ignorância gera o medo e a covardia.

Depois, visite os dentistas de dedos macios e aparelhos complicados. São eles que fundam as

associações e reúnem os congressos e discursam nos conclaves e nas praças públicas.
Suas palavras são melodiosas e suaves. E se lhes dissermos: "Esta nação mastiga seus alimentos com dentes cariados e saliva envenenada. E disto resultarão doenças no seu estômago", eles respondem: "Sim, sim, estamos justamente estudando as drogas mais modernas e os medicamentos mais eficazes."
E se lhes perguntarmos: "E que achais da extração?", desatarão a rir do pobre indagador, que nunca estudou a nobre ciência da odontologia. E se insistirmos, enfadam-se e afastam-se, dizendo: "Quantos ignorantes neste mundo! E como sua ignorância é incômoda!"

Ó NOITE!

Ó noite dos enamorados e dos poetas e dos cantores!
Ó noite dos fantasmas e das almas e das sombras!
Ó noite do desejo e da ânsia e da saudade!
Ó gigante ereto entre as nuvens anãs do poente e as fadas da aurora, empunhando a espada do terror, coroado pela lua, vestido de silêncio, olhando com mil olhos as profundidades da vida, ouvindo com mil ouvidos os gemidos da morte e do aniquilamento.
És uma escuridão que nos faz ver as luzes do firmamento, enquanto que o dia é uma luz que nos envolve na escuridão da terra.

És uma esperança que abre nossos olhos à majestade do infinito, enquanto que o dia é uma presunção que nos transforma em cegos no mundo das medidas e das quantidades.
És uma quietude que revela os segredos das almas despertas nos espaços celestiais, enquanto que o dia é uma série de ruídos que perturba as almas perdidas entre seus propósitos e seus desejos.
És um justo que une, sob as asas do sono, os sonhos dos fracos e as aspirações dos fortes, e és um benfeitor que fecha com seus dedos invisíveis as pálpebras dos infelizes e conduz seus corações a um mundo menos cruel que este mundo.
Entre as dobras de tuas vestes azuis, os enamorados exalam seus suspiros; e aos teus pés recobertos de orvalho, os solitários vertem as suas lágrimas; e nas tuas mãos perfumadas com o aroma dos vales, os exilados depositam os gemidos de sua paixão e de sua saudade. És o companheiro dos enamorados e dos exilados; és o consolador dos solitários e dos abandonados.
À tua sombra, erram as almas dos poetas, e sobre teus joelhos despertam os corações dos profetas, e entre as dobras de tuas tranças, tremem as idéias dos pensadores. És o inspirador dos poetas e o mentor dos profetas e o guia dos pensadores.
Quando minha alma se cansou dos homens e minhas pálpebras, da face do dia, dirigi-me àqueles campos distantes onde dormem as sombras dos tempos idos.

Lá me achei diante de um ser sisudo, glacial, trêmulo, que caminhava com mil pés pelas planícies e as montanhas e os vales.
Lá pude fixar os olhos das trevas, e ouvir o rumor de asas invisíveis, e sentir as carícias do silêncio, e resistir aos temores da escuridão.
Lá te vi, ó noite, fantasma gigante, formoso, suspenso entre a terra e o céu, velado pelas nuvens, envolto na cerração, rindo-te do sol, rindo-te do dia, zombando dos escravos em vigília diante dos ídolos.
Vi-te censurando os reis adormecidos sobre a seda, examinando os rostos dos criminosos, embalando as crianças no berço, entristecida pela alegria das decaídas, sorrindo às lágrimas dos apaixonados, elevando com tua mão direita os corações grandes, esmagando sob teus pés as almas mesquinhas.
Vi-te, ó noite, e tu me viste. E eras, na tua temível majestade, um pai para mim, e eu era, com meus sonhos, um filho para ti. E não houve mais cortinas nem véu entre nós, e confessaste-me teus segredos e intentos, e revelei-te minhas aspirações e esperanças. E quando os terrores de tua face se transformaram em melodia, suave como o murmúrio das flores, e meus temores cederam lugar a uma segurança doce como a confiança dos pássaros, elevaste-me até ti, e me puseste sobre teus joelhos, e ensinaste aos meus olhos a ver, e ao meu ouvido a ouvir, e aos meus lábios a falar. E ensinaste a meu coração a amar o que os homens odeiam, e a odiar o que eles amam. Depois, tocaste meus pensamentos com

teus dedos, e meus pensamentos jorraram tal um rio caudaloso que corre, cantando e arrastando as plantas mortas. Depois, beijaste minha alma; e minha alma ardeu, tal uma chama que consome todas as coisas secas.
Freqüentei-te, ó noite, até me assemelhar a ti, e minhas inclinações se misturaram com tuas inclinações; e amei-te até que meu ser se tornou uma réplica diminuta de ti. Na minha alma escura, há estrelas luminosas que a paixão espalha ao anoitecer e que as preocupações recolhem ao amanhecer. E no meu coração atento, há uma lua que se move num espaço, ora repleto de nuvens, ora repleto das procissões dos sonhos. E na minha alma vigilante, há uma quietude que revela os segredos dos enamorados e repete o eco das preces dos adoradores. E em volta da minha cabeça, há um envólucro de magia, rasgado pelo estertor dos âgonizantes e recosido pelas canções dos trovadores.
Sou como tu, ó noite. E que pensarão os homens da minha pretensão, eles que se comparam com o fogo quando querem enaltecer-se?
Sou como tu; a ambos nos atribuem o que não temos.
Sou como tu em inclinações, sonhos, caráter e comportamento.
Sou como tu, embora o entardecer não me coroe com suas nuvens douradas.
Sou como tu, embora não seja envolto na Via Láctea.

Sou uma noite espalhada, extensa, quieta, trêmula; e minhas trevas não têm começo, e minhas profundezas não têm fim.
Quando as almas se erguem, ufanando-se da luz de suas alegrias, minha alma se eleva, feliz, na escuridão de sua melancolia.
Sou como tu, ó noite. E minha manhã só chegará quando minha vida atingir seu fim.

A PRESENÇA INVISÍVEL

A Páscoa chegou. Melhor do que os sinos, as multidões alegres a anunciam. Sozinho e melancólico, afasto-me da multidão. Penso no Filho do Homem que nasceu e viveu na indigência, e depois morreu crucificado. Penso naquele Fogo Divino que o Espírito acendeu numa pequena aldeia síria, e que sobreviveu aos séculos e marcou todas as civilizações.
No parque deserto, um homem, também sozinho, parecia estar à minha espera. Sentou-se ao meu lado e começou a desenhar na areia figuras misteriosas. Suas vestes eram modestas, mas dele emanava uma grandeza inexprimível.
—O senhor é talvez um estrangeiro nesta cidade? perguntei-lhe com simpatia.
— Eu sou um estrangeiro nesta cidade e em qualquer outra cidade.
— Mas nestes dias festivos, o estrangeiro esquece a amargura do exílio e se deixa consolar pela afeição dos corações abertos.

— Eu sou um estrangeiro nestes dias mais ainda do que nos outros.
E dirigiu ao céu cinzento um olhar sonhador como se estivesse procurando no além uma pátria desconhecida.
Observei-o novamente, e disse:
— Parece-me que o senhor está em necessidade. Não aceitaria minha ajuda?
— Sim, respondeu com tristeza, estou em necessidade, mas não preciso de dinheiro.
— E de que precisa?
— Preciso de um abrigo. Preciso de um lugar onde descansar a cabeça.
— Mas já que lhe estou dando dinheiro, poderá alojar-se num hotel.
— Já fui a todos os hotéis: ninguém me aceitou. Já bati a todas as portas sem encontrar um amigo.
— Venha então comigo. Passará a noite em minha casa.
— Mil vezes já bati à tua porta, mas nunca me abriste. E agora, se soubesses quem sou, não me convidarias.
— E quem é o senhor?
— Eu sou a Revolução que derruba o que os séculos estabeleceram. Sou o furacão que arranca as raízes dessecadas. Sou aquele que traz ao mundo a justiça e não a piedade.
Disse isto, e levantou-se. Sua estatura era alta, e sua voz, profunda como a noite, evocava o tumulto de tempestades longínquas.
Depois, sua fisionomia iluminou-se. Estendeu os braços, e vi nas suas mãos traços de pregos. Joguei-me aos seus pés, balbuciando:

— Jesus, o Nazareno!...
E ouvi-o dizer:
— O mundo celebra meu nome e as tradições que os séculos teceram em volta de meu nome. Mas eu permaneço um estrangeiro, percorrendo o universo e atravessando os séculos sem encontrar, entre os povos, quem compreenda minha verdade. As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça.
Quando ergui os olhos, nada mais vi senão uma coluna de incenso. E ouvi um eco de trovoada vindo da eternidade.

BULOS AS-SOLBAN

O Lugar: A residência de Yussef Mussarra em Beirute.
O Tempo: Uma noite de outono, em 1901.
Personagens:
Bulos As-Solban, músico e literato.
Yussef Mussarra, escritor.
Helena Mussarra, irmã de Yussef.
Salim Muauad, poeta e alaúdista.
Calil Bei Tamer, funcionário do governo.

Quando se abre o pano, vemos uma bela sala na residência de Yussef Mussarra, com muitos livros e papéis. Calil Bei Tamer fuma o narguilé. Yussef Mussarra fuma um cigarro. Helena Mussarra faz um bordado.

Calil Bei Tamer (falando a Yussef Mussarra) — Li hoje teu artigo sobre as belas-artes e a sua influência sobre o caráter. Gostei dele. Não fosse seu tom ocidentalizado, seria o melhor artigo já escrito sobre o assunto. Sou, Mussarra Efêndi, dos que consideram maléfica a influência do Ocidente sobre nossa literatura.
Yussef Mussarra (sorrindo) — Talvez tenhas razão, meu amigo. Mas, ao te vestires com roupas ocidentais e comeres em utensílios ocidentais e te sentares em móveis ocidentais, tu te contradizes a ti mesmo.
Calil Bei Tamer — Não há relação entre a literatura e essas coisas superficiais.
Yussef Mussarra — Há, sim. É uma relação fundamental e inevitável. Se te aprofundares um tanto no assunto, acharás que as artes acompanham nossos hábitos e modos de viver, bem como nossas tradições religiosas e sociais. Mais exatamente, acompanham todas as manifestações de nossa vida.
Calil Bei Tamer — Sou oriental, e assim permanecerei até o fim da vida. E, apesar de adotar certos modos europeus, desejo que a literatura árabe permaneça singelamente árabe e alheia a toda influência estrangeira.
Yussef Mussarra — Então, desejas a morte da língua e da literatura árabes.
Calil Bei Tamer — Como assim?
Yussef Mussarra — As nações idosas que não adotam o que as nações mais jovens produzem definham e morrem culturalmente.

Calil Bei Tamer — Essas afirmações precisam de provas.
Yussef Mussarra — Existem milhares de provas.

Neste momento, entram Bulos As-Solban e Salim Muauad. Os presentes se levantam para saudá-los.

Yussef Mussarra — Sede bem-vindos, irmãos. (Dirigindo-se a As-Solban) — Sê bem-vindo, ó rouxinol da Pátria!

Helena fita As-Solban com alegria. Suas faces enrubescem levemente.

Salim Muauad — Por Deus, ó Yussef, não digas sequer uma palavra amável a Bulos.
Yussef Mussarra — Por que?
Salim Muauad (entre sério e brincalhão) — Porque não merece nem elogios nem honras. É demasiadamente esquisito. É um louco.
Bulos As-Solban (dirigindo-se a Muauad) — Ei! Para aí. Acaso trouxe-te comigo para revelares meus defeitos e dissecares meu caráter?
Helena Mussarra — Que aconteceu? Descobriste, Salim Efêndi, novos defeitos em Bulos?
Salim Muauad — Seus defeitos antigos permanecerão novos até que morra e seja sepultado e seus ossos virem pó.
Yussef Mussarra — Contai-nos o que aconteceu. Queremos ouvir a história do início ao fim.
Salim Muauad (dirigindo-se a Bulos Al-Solban) — Permites-me falar dos teus crimes ou preferes con¬essá-los?

Bulos Al-Solban — Prefiro que permaneças silencioso como um túmulo, quieto como o coração de uma velha.
Salim Muauad — Então falarei.
Bulos Al-Solban — Parece-me que estás decidido a magoar-me esta noite.
Salim Muauad — Não, mas quero expor teu caso aos nossos amigos para que o possam julgar.
Helena (dirigindo-se a Salim Muauad) — Fala e conta-nos o que houve. (A Bulos Al-Solban) Talvez o crime de que Salim te acusa seja uma de tuas proezas.
Bulos Al-Solban — Não cometi crime algum nem realizei proezas. O assunto que nosso amigo está tão ansioso em trazer à baila não merece sequer uma menção. Aliás, não quero que gasteis a noite falando de mim.
Helena Mussarra — Está bem. Então, ouçamos a história.
Salim Muauad (Acende um cigarro e senta-se ao lado de Yussef Mussarra) — Todos ouviram falar sem dúvida do casamento do filho de Jalal Paxá. E sabem que, ontem, o pai do noivo convidou a elite desta cidade para uma noite de festa. Convidou também a este malandro (indicando Bulos As-Solban) e a mim, por ser considerado a sombra de Bulos Al-Solban, e por ser do conhecimento público que ele (que Deus o conserve e proteja!) não gosta de cantar senão ao acompanhamento do meu alaúde.
Chegamos à casa de Jalal Paxá atrasados, pois nosso Bulos sempre chega atrasado, como os reis. Lá estavam o governador, o bispo, mulheres

elegantes, milionários, poetas, literatos, líderes políticos, em suma, a elite desta cidade.
Sentamo-nos entre os incensórios e as taças, pois os presentes viam em Bulos um anjo vindo do céu. As damas lhe ofereciam vinho e doces e flores, como faziam as mulheres de Atenas aos heróis que chegavam do campo de batalha. Bulos era mesmo alvo de todas as homenagens...
Apanhei meu alaúde e toquei a primeira, a segunda e a terceira vez. Então Bulos abriu seus lábios sagrados e cantou um verso... um verso só do poema de Ibn Al-Farid:
Outros podem suportar a separação,
Outros são capazes de trair os bem-amados.
Todos prestaram atenção e esticaram os pescoços e aprisionaram o hálito como se Al-Maussili tivesse voltado da eternidade para deliciar-lhes os ouvidos com suas melodias mágicas. Mas Bulos parou após o primeiro verso. Os presentes pensaram que iria recomeçar após tomar um drinque. Enganaram-se. Bulos permaneceu silencioso.
Bulos As-Solban (seriamente) — Peço-te o favor de parar. Não agüento esta conversa fiada. E tenho a certeza de que nossos amigos não acham graça alguma em todo esse palanfrório.
Yussef Mussarra — Por Deus, deixa-nos ouvir o restante da história.
Bulos as-Solban (levantando-se) — Parece-me que preferis esta conversa oca à minha presença. Até logo!
Helena Mussarra (dirigindo a Bulos um olhar significativo) — Senta-te, Bulos, e, seja qual for o caso, estamos contigo.

Bulos As-Solban senta-se, com um movimento de resignação.
Salim Muauad (continuando) — Disse que Bulos o majestoso, o perfumado, cantou um verso, um único verso do poema de Ibn Al-Farid, e calou-se. Quero dizer que ele deu àqueles famintos um pedacinho do pão dos deuses. Depois, empurrou a mesa, quebrando os vasos e os pratos, e sentou-se tão mudo quanto a Esfinge do Nilo.
Levantaram-se as damas, cada uma rogando-lhe com palavras mais suaves do que a outra, para que se dignasse cantar mais versos. Mas ele se desculpava, dizendo: "Estou resfriado. A minha garganta dói."
Levantaram-se, então, os líderes e os milionários, e rogaram-lhe humildemente por sua vez. Mas ele não se deixou abalar. Permaneceu frio e severo, como se Deus lhe tivesse substituído o coração por uma pedra.
Após a meia-noite, vendo seus convidados abatidos pelo desânimo e a tristeza, Jalal Paxá chamou nosso cantor para uma sala contígua e enfiou-lhe no bolso um maço de dinheiro, dizendo-lhe: "Podes, Bulos Efêndi, encerrar esta festa na alegria ou no aborrecimento. Por isto, peço-te o favor de aceitar este pequeno presente, não como um pagamento, mas como o símbolo dos meus sentimentos para contigo. Não decepciones a esperança dos presentes."
Foi então que explodiu o gigantesco orgulho de Bulos. Jogou o dinheiro sobre um sofá, dizendo no tom dos conquistadores: "O senhor está-me insultando, Jalal Paxá. Não vim à sua casa para

vender minha voz por dinheiro. Vim para homenageá-lo, como todos os outros."
Jalal Paxá perdeu então a calma e dirigiu a Bulos Efêndi palavras rudes, o que levou o sensível Bulos a sair da casa, gritando e blasfemando.
Quanto a mim, o insignificante, apanhei meu alaúde e segui Bulos, deixando atrás de mim os rostos bonitos e os corpos delgados e os vinhos capitosos e os pratos suculentos. Sim, renunciei a tudo isto para não perder a amizade deste orgulhoso cabeçudo. Sacrifiquei-me no altar deste Baal. Mas ele nem me agradeceu, nem elogiou minha coragem, nem reconheceu minha amizade e lealdade.
Yussef Mussarra (rindo) — Esta é, na verdade, uma história deliciosa, que merece ser registrada.
Salim Muauad — Não cheguei ainda ao fim. O deleite máximo está no fim, um fim bem diabólico que não teriam imaginado nem Ahriman o persa nem Saifa o índio.
Bulos As-Solban (dirigindo-se a Helena) — Fiquei aqui em acatamento à tua vontade. Agora, por favor, pede a esta rã que feche a boca.
Helena Mussarra — Deixa-o falar. Seja qual for o fim da história, nós estamos contigo, em palavras e coração.
Salim Muauad (acende outro cigarro e continua sua narração) — Saímos da casa de Jalal Paxá, enquanto Bulos xingava os ricos e os aristocratas, e eu, no meu coração, xingava o próprio Bulos. Depois de tudo isto, depois de tudo isto, pensais que fomos cada qual para sua casa? Ouvi e admirai! Sabeis que a casa de Habib Saade é

vizinha da casa de Jalal Paxá. Separa-as, somente, um pequeno jardim. E sabeis que Habib Saade é amante do vinho e do canto e dos que idolatram esse Baal (indicando Bulos).
Quando saímos da casa de Jalai Paxá, deteve-se Bulos no meio da rua a esfregar a fronte, como se fosse um grande general procurando conquistar um reino rebelde. Depois, dirigiu-se à casa de Habib Saade e tocou a campainha com força. Apareceu Habib em pijama, e bocejando. Mas quando viu Bulos e o alaúde, seu rosto mudou, seus olhos brilharam, como se o céu se tivesse aberto na sua frente. Gritou com alegria: "Sede bem-vindos! Sede bem-vindos! O que vos trouxe nesta hora santificada?"
Respondeu Bulos: "Viemos celebrar na tua casa as bodas do filho de Jalal Paxá."
Disse Habib: "Não encontrastes lugar no palácio de Jalal Paxá, para virdes a esta modesta casa?"
Respondeu Bulos: "As paredes do palácio de Jalal Paxá não têm ouvidos para as melodias do alaúde. É por isto que viemos aqui. Dá-nos bebidas e aperitivos e não fales demais."
Em resumo, sentamo-nos em volta da mesa, e mal havia Bulos tomado dois goles, levantou-se e abriu as janelas que dão para o jardim do Paxá, depois entregou-me o alaúde, ordenando: "Eis o teu bordão, ó Moisés. Transforma-o em serpente, e manda-o engolir todas as serpentes do Egito. Toca o Nahauand, e toca longamente e com alma."
Apanhei o alaúde, pois ao escravo só cabe obedecer, e toquei o Nahauand. Bulos dirigiu sua

face para a casa de Jalal Paxá, e começou a cantar em voz alta...
Salim para um momento de falar. Seu rosto perde toda a zombaria e adquire aspecto calmo e sério. E prossegue:
Conheço Bulos faz 15 anos. Conheço-o desde que éramos dois garotos na escola. Ouvi-o a cantar na alegria e na tristeza. Ouvi-o a gemer como uma mãe que acabava de perder o filho único, e vibrar como o apaixonado, e alegrar-se como um vencedor. Ouvi-o sussurrar no silêncio da noite. Ouvi-o cantar nos vales do Líbano, acompanhado pelos sinos distantes, enchendo o espaço de magia e poder. Sim, ouvi-o cantar mil e uma vezes. E pensava conhecer todos os movimentos e silêncios de sua alma. Mas na noite de ontem, quando desviou o rosto para a casa de Jalal Paxá e fechou os olhos e cantou:
Cada dia queixo-me da paixão do meu coração;
E quanto mais me queixo, tanto mais ela aumenta, quando cantou estes versos, brincando com eles como o vento brinca com as folhas do outono, disse a mim mesmo: "Não, não conheci no passado senão a superfície da alma de Bulos. Somente hoje, cheguei à sua essência. No passado, ouvia-o cantar apenas com a língua e os lábios; agora ouço-lhe o coração e a alma..."
E prosseguiu Bulos, passando de uma melodia a outra e de uma canção a outra, até que me pareceu sentir no espaço uma multidão de almas apaixonadas que evocavam as lembranças de coisas passadas e ecoavam as aspirações e os sonhos dos homens.

Sim, senhores, este homem escalou ontem os degraus da arte até atingir as estrelas. E, milagrosamente, não voltou à terra senão na madrugada. Pois só calou após reduzir seus inimigos ao nível de suas sandálias, como diz a Bíblia!

Quanto aos convidados de Jalal Paxá, mal haviam ouvido a voz cantando, acorreram às janelas e começaram a pasmar após cada melodia. Alguns saíram mesmo ao jardim e ficaram em pé, por baixo das árvores, atentos, felizes, extasiados, incapazes de compreender esse homem que os insulta e ao mesmo tempo embriaga-lhes a alma com um vinho celestial. Chamavam-no, ora pedindo outras canções, ora amaldiçoando-o. Jalal Paxá rugia como um leão, passando de uma sala a outra, maldizendo Bulos As-Solban, criticando os convivas que lhe davam atenção.

Eis o que aconteceu ontem. Que achais deste gênio louco? Que achais das suas manias?

Calil Bei Tamer — Eis uma história extraordinária. Minha opinião é esta: Admiro muito Bulos Efêndi. Apesar disto, digo que ele errou ontem. Podia ter cantado na casa de Jalal Paxá como cantou na casa de Habib Saade, e atendido aos pedidos dos presentes com algo de sua arte. (A Yussef Mussarra) Que achas, Yussef Efêndi?

Yussef Mussarra — Eu não censuro As-Solban, nem procuro compreender seus segredos e mistérios. Considero o assunto estritamente pessoal, que diz respeito a ele, exclusivamente; pois sei que os artistas, e particularmente os cantores, diferem dos demais mortais. Não é justo nem correto

medir suas ações e reações com as medidas comuns.
O artista — e chamo artista aquele que cria novas formas para seus pensamentos e sentimentos — é um estrangeiro na sua própria família, e na sua pátria, e no mundo. O artista se dirige para o leste quando todos se dirigem para o oeste e se deixa influenciar poi movimentos subjetivos que nem ele próprio é sempre capaz de explicar. É feliz em meio aos infelizes e infeliz em meio aos felizes; fraco entre os poderosos e poderoso entre os fracos. O artista está acima da lei, queiram os homens ou não queiram.
Calil Bei Tamer — Estas palavras tuas, Yussef Efêndi, não diferem do que disseste no teu artigo sobre as belas-artes. Permite-me repetir por minha vez que o espírito do Ocidente que inspira a tua pregação será a causa de nosso desaparecimento como povo e como nação.
Yussef Mussarra — Consideras o comportamento de Bulos Efêndi como uma manifestação desta alma européia que detestas e rejeitas? Não assiste a Bulos As-Solban a liberdade de fazer de sua voz e de sua arte o que quiser, quando quiser?
Calil Bei Tamer — Ele tem sem dúvida toda a liberdade de fazer o que quiser. Mas acho que nossa vida social não se acomoda a este tipo de liberdade. Nossas inclinações e modos e tradições não permitem ao indivíduo comportar-se como Bulos Efêndi se comportou ontem.
Helena Mussarra — Este é um debate interessante e proveitoso. Mas já que o pivô deste debate se encontra entre nós, ele poderia defender-se.

Bulos As-Solban (após um silêncio prolongado) — Teria preferido que Salim não tivesse abordado este assunto. Mas já que estou numa situação delicada, como diz Calil Bei, acho-me na obrigação de expressar meus pensamentos sobre o assunto.

Sabeis todos que a maioria dos que me conhecem me criticam. Uns dizem que sou mimado; outros dizem que sou torto. E há quem diga que sou um homem sem dignidade. Por que essas críticas e ofensas? Por causa do meu caráter, que não posso modificar, e que não modificaria se pudesse fazê-lo.

E por que os homens se interessam tanto por mim e meu caráter? Não me podem esquecer? Há nesta cidade muitos cantores e declamadores e músicos; e há muitos poetas e aduladores e mendigos que venderiam não somente sua voz e pensamentos e sentimentos, mas venderiam a própria alma por dinheiro, ou por um jantar ou por uma garrafa de vinho. E nossos ricos e líderes descobriram este segredo, e estão comprando artistas e cantores pelos preços mais baixos, expondo-os nas suas casas e palácios como expõem seus cavalos e coches nas praças e nas ruas. Sim, senhores, os cantores e os poetas são, no Oriente, portadores de incensórios; mais exatamente são escravos, obrigados a cantar nas festas de bodas e a chorar e declamar elegias nos enterros. São mecanismos que se montam para operar nos dias de luto e nas noites de alegria; e quando não há luto nem alegria, são postos de lado como objetos sem valor.

Não censuro os ricos. Censuro os artistas que não se respeitam e não se fazem respeitar.
Calil Bei Tamer (excitado) — Ontem à noite, os convidados rogavam-te e usavam todos os meios para que condescendesses e lhes cantasses uma canção. Consideras que cantar na casa de Jalal Paxá é uma submissão desonrosa?
Bulos As-Solban — Se tivesse podido cantar na casa de Jalal Paxá, tê-lo-ia feito. Mas olhei em volta de mim, e só vi milionários cujos ouvidos só apreciam a música do ouro batendo contra o ouro, notáveis que não etendem da vida senão o que os eleva e abaixa os outros. Quem dos que estavam lá teria sido capaz de distinguir o Nahauand do Rasd ou o Achaak do Asfahan? Por isto, não consegui abrir meu coração diante de cegos, nem falar dos segredos de minha alma aos surdos. A música é a linguagem das almas. É um fluido misterioso que ondula entre o espírito do cantor e o espírito do ouvinte Quando não há espíritos para ouvir e apreciar, o cantor perde sua inspiração e seu incentivo. O músico é como uma lira de cordas esticadas e sensíveis. Se as cordas se afrouxam, deterioram-se suas características, e elas se tornam semelhantes a simples barbantes. As cordas da minha alma afrouxaram-se na casa de Jalal Paxá, quando fitei os presentes, homens e mulheres, e achei-os ou esnobes, ou vaidosos, ou estúpidos. Quanto às suas súplicas a mim dirigidas resultavam exclusivamente da minha soberba e negação. Se eu fosse como os cantores-rãs, ninguém se teria ocupado de mim.

Calil Bei Tamer (interrompendo-o, gracejando) — Depois disto, foste à casa de Habib Saade. E, por vingança, só por isto, ficaste cantando até a madrugada!

Bulos As-Solban — Fiquei cantando até a madrugada porque queria libertar meu coração de um fardo pesado; queria queixar-me da noite e da vida e do destino. Sentia a necessidade de esticar as cordas que se afrouxaram na casa do Paxá. Se quiseres pensar, Calil Bei, que fui instigado pelo sentimento da vingança, estás naturalmente livre de fazê-lo. Mas, na verdade, a arte é um pássaro livre que paira no espaço quando lhe convier e desce à terra quando lhe convier. E não há força no mundo capaz de encadeá-lo ou mudar-lhe o curso. A arte é um sentimento sublime que não se vende nem se compra. Os orientais devem descobrir esta verdade. Quanto aos verdadeiros artistas entre nós — e são mais raros do que o fósforo vermelho — precisam respeitar-se a si mesmos porque são como vasos sagrados que Deus enche com vinho celestial.

Yussef Mussarra — Estou de acordo contigo, Bulos. Expressaste meus pensamentos com uma eloqüência de que não sou capaz. És um artista e eu sou um pesquisador. A diferença entre nós é a diferença entre a uva verde e o vinho velho.

Salim Muauad — As-Solban fala como canta. Seus ouvintes só podem convencer-se e aplaudir.

Calil Bei Tamer — Vós não me convencestes e não me convencereis. E estas vossas teorias subversivas nada são senão uma dessas doenças que nos vêm do Ocidente.

Yussef Mussarra — Se tivesses ouvido As-Solban cantar, ó Bei, ter-te-ias convencido e não falarias mais em teorias subversivas.
Neste momento entra a empregada e, dirigindo-se a Helena, diz:
A empregada — Minha Senhora, a torta já chegou da confeitaria. Coloquei-a na mesa.
Yussef Mussarra (levantando-se e dirigindo-se a todos) — Vinde, meus amigos. Preparamos para vós um prato delicioso, quase tão delicioso quanto a voz de As-Solban.
Todos se levantam. Saem Yussef Mussarra, Calil Bei Tamer e Salim Muauad. As-Solban e Helena permanecem em pé no meio do salão. Olham-se um ao outro, com olhos cheios de raios indescritíveis.
Helena Mussarra (sussurrando) -— Sabes que te estava ouvindo ontem à noite?
Bulos As-Solban — Que queres dizer, ó Helena de meu coração?
Helena (enrubescendo) — Estava ontem à noite na casa de minha irmã Miriam. Fui dormir lá porque seu marido está viajando e ela tem medo de dormir só.
Bulos As-Solban — A casa de tua irmã fica no caminho da Floresta?
Helena Mussarra — Sim. E está separada da casa de Habib Saade por um simples corredor.
Bulos As-Solban — E ouviste-me cantar? Helena Mussarra — Ouvi o apelo de teu coração da meia noite à aurora. Ouvi a voz de Deus na tua voz.
Yussef Mussarra (voltando da sala contígua) — Por favor, Bulos, vem servir-te. A torta vai esfriar.

Bulos e Helena saem.
O pano cai.

OS GIGANTES

Quem escreve com tinta não é como quem escreve com o sangue do coração.
E o silêncio produzido pelo tédio é diferente do silêncio produzido pela dor.
Refugiei-me no silêncio porque os ouvidos da Humanidade se fecharam ao sussurro dos fracos e só ouvem o tumulto do abismo. E é mais prudente para o fraco calar-se diante das forças tempestuosas da vida — essas forças que têm os canhões por voz e as bombas por palavras.
Vivemos numa época cujos feitos menores são maiores que os maiores feitos da época passada. Os valores e os problemas que monopolizam os pensamentos e os corações estão na penumbra. Os sonhos antigos desvaneceram-se como a bruma, e foram substituídos por gigantes que caminham com as tempestades e se movem com as marés e respiram com os vulcões.
E que será do mundo quando os gigantes tiverem terminado sua luta?
-Voltará o camponês a plantar sementes onde a morte semeou esqueletos?
Levará o pastor seu rebanho aos prados onde o sangue regou a terra?
Ajoelhar-se-á o crente nos templos onde os demônios dançaram, e declamará o poeta seus poemas diante de estrelas ofuscadas pela fumaça,

e cantará o cantor suas canções na quietude perturbada por tantos horrores?
Sentar-se-á a mãe ao lado do berço de seu filhinho a acalentá-lo, sem tremer do que possa trazer o amanhã?
Encontrar-se-ão os enamorados e trocarão beijos onde os inimigos trocaram golpes?
Voltará a primavera à terra e cobrir-lhe-á os ferimentos com flores? Sim, voltará a primavera aos campos?
E que será de nossa pátria? Qual dos gigantes dominará aquelas colinas e prados que nos deram a vida e nos transformaram em homens e mulheres diante da face do sol?
Continuará o Oriente a ser disputado entre os lobos e os porcos, ou caminhará com a tempestade até a guarida do leão e o ninho das águias?
E levantar-se-á a aurora de novo sobre os cumes do Líbano?
Todas as vezes que me isolo com minha alma, faço-lhe perguntas. Mas a alma é como o Destino: vê, e não fala; caminha, e não se vira. Tem os olhos penetrantes e os passos rápidos, mas á língua pesada.
Quem de vós não se preocupa com o futuro do mundo e de seus habitantes depois que os gigantes se tiverem saciado das lágrimas das viúvas e dos órfãos?
Sou dos que acreditam na lei da evolução e do progresso. No meu entender, esta lei abrange os seres imateriais como os seres materiais. Leva do bom ao melhor, não somente as criaturas físicas

como também as religiões e os governos. Só há recuos e declínios na aparência superficial.
A lei da evolução tem diversas ramificações, mas uma só raiz. Suas manifestações são às vezes duras e injustas e obscuras, provocando a revolta das mentes limitadas e dos corações frágeis. Sua essência, todavia, é justa e luminosa. Preocupa-se com direitos superiores aos direitos dos indivíduos, e com objetivos superiores aos objetivos da comunidade. Sua voz, misto de horror e suavidade, contém os gemidos dos flagelados e as sufocações dos sofredores.
Em volta de mim, há muitos anões que olham de longe os gigantes lutarem, e ouvem em sonho o eco de seus gritos de júbilo e coaxam como rãs, dizendo: "O mundo voltou às suas origens. O que as gerações edificaram pela ciência e a arte, o homem demoliu pelo egoísmo e a ganância. Vivemos novamente como os trogloditas. E só nos diferenciam deles as máquinas e os estratagemas que inventamos para destruir."
Eis o que dizem os que medem a consciência do mundo pela medida de suas próprias consciências, e analisam as aspirações da Humanidade pelas necessidades de sua sobrevivência individual. Como se o sol existisse somente para aquecê-los e o mar para que nele se banhassem.
Das entranhas da vida, de além da matéria, das profundezas do universo onde os segredos são guardados, surgiram os gigantes como uma tempestade, e subiram como nuvens e se entrechocaram como montanhas, e estão agora

lutando para resolver um problema da Terra que somente a guerra pode resolver.
Os homens, seus conhecimentos, seu amor e ódio, seu desespero e sua dor são apenas mecanismos que os gigantes empregam visando a um objetivo superior que deve ser atingido.
O sangue vertido se transformará em rios de elixir, e as lágrimas choradas brotarão como flores, e as almas assassinadas se reunirão e sairão de detrás do horizonte como uma nova aurora. Então, os homens verificarão que foi mesmo a justiça que eles compraram no mercado das iniqüidades, e que quem investe na justiça nunca sai perdendo.
E a primavera voltará. Mas quem espera atingir a primavera sem passar pelo inverno nunca a atingirá.

AS NAÇÕES

Uma nação é uma comunidade de indivíduos que divergem no seu caráter, tendências, opiniões, mas são unjdos por um laço moral mais forte que suas divergências.
Talvez a unidade religiosa constitua um fio deste laço. Contudo, as divergências religiosas não prejudicam a unidade nacional senão quando esta unidade já era fraca, como em certos países orientais.
Talvez a unidade da língua seja fundamental para a realização da unidade nacional. Existem, todavia, muitos povos que falam a mesma língua, mas divergem constantemente na sua política, administração e ideologia.

Talvez a unidade de sangue seja também essencial. Mas a História cita muitos exemplos de povos descendentes da mesma semente, que acabam se separando, se antagonizando, e lutando um contra o outro até sua mútua destruição.

Os interesses materiais talvez sejam mais um elemento da Unidade. Mas em quantos países os interesses materiais só serviram para gerar competições e lutas internas.

Qual é, então, o fundamento essencial da Unidade nacional? Qual é o solo em que cresce a árvore da nação?

Tenho a este respeito idéias próprias, que certos pensadores estranham porque suas origens e conseqüências não são palpáveis.

Eis as minhas idéias:

Cada povo tem uma personalidade característica., assim como cada indivíduo tem uma personalidade característica. E embora a personalidade nacional tire seus elementos componentes dos indivíduos, como a árvore tira sua substância da água, luz, calor, essa personalidade geral é independente da personalidade individual e tem uma vida e uma vontade próprias.

Assim como acho difícil determinar a época em que se forma a personalidade de cada indivíduo, acho difícil determinar a época em que se forma a personalidade nacional. Sinto, contudo, que a personalidade egípcia, por exemplo, se formou 500 anos pelo menos antes do aparecimento da Primeira Dinastia nas margens do Nilo. Essa

personalidade produziu as manifestações artísticas, religiosas e sociais da história egípcia. E o que digo do Egito se aplica à Assíria, Pérsia, Grécia, Roma, Arábia e às nações modernas.

Disse que a personalidade nacional tem uma vida especial. Sim, e tem também uma idade limitada que não pode ser ultrapassada, exatamente como é o caso de todos os seres vivos. O indivíduo se desenvolve da infância à mocidade, à maturidade, à velhice; assim também se desenvolve a nação: da aurora ainda velada pelo sonho ao meio dia iluminado pelo esplendor do sol, à tarde marcada pelo tédio, à noite envolta no cansaço, a um sono profundo.

A entidade grega despertou no século X a.C., caminhou com força e majestade no século V, e achava-se esgotada quando chegou a era cristã. Entregou-se então para sempre aos sonhos da eternidade.

A entidade árabe tomou consciência de si mesma no século III antes do Islão. Com o profeta Maomé, levantou-se como um gigante e caminhou como um temporal, derrubando todos os obstáculos. E quando atingiu a época dos Abássidas, sentou-se num trono apoiado em muitas bases: desde a Índia até a Andaluzia. Depois, chegou ao entardecer, quando a personalidade inongólica estava crescendo e estendendo-se do Oriente ao Ocidente. Será o sono da entidade árabe bastante leve, e despertará ela de novo para exteriorizar o que permaneceu escondido nela, corno voltou a entidade romana no tempo da Renascença Italiana e completou em Veneza e Florença e Milão o que

havia sido interrompido pelos povos teutônicos, no começo da Idade Média?
A mais curiosa das entidades nacionais é a entidade francesa. Viveu 2000 anos diante do sol e continua jovem e radiante. E possui hoje uma mente mais penetrante e uma visão mais ampla e uma arte e uma ciência mais ricas do que em qualquer época passada, o que mostra que certas entidades nacionais têm vidas mais longas do que outras. A entidade egípcia viveu 3000 anos. A entidade grega só viveu 1000 anos. As causas desta desigualdade talvez sejam as mesmas que as que determinam as idades individuais.
Que acontece às entidades nacionais após desempenharem seu papel no palco da existência? Desvanecem-se diante dos dias e das noites como se nunca tivessem sido uma manifestação dos dias e das noites?
Na minha opinião, as entidades imateriais mudam, e não desaparecem. Como os seres materiais, adquirem novas formas; mas sua essência sobrevive para sempre. A alma das nações dorme, como dormem as flores: quando suas sementes caem no chão, seu perfume sobe ao mundo da eternidade, Para mim, é o perfume, na flor e na nação, que é a verdade pura, a essência absoluta. O perfume de Tebas e Babel e Nínive e Atenas e Bagdá está hoje no éter que envolve a terra. Talvez esteja também no mais profundo de nossas almas. Todos nós, indivíduos e nações, somos os herdeiros de todas as entidades nacionais que já existiram sobre a face da Terra.

Essa herança etérea não toma, contudo, formas palpáveis nos indivíduos até que se aperfeiçoe a nação à qual pertencem os indivíduos e adquira uma vida e uma vontade próprias.

A TEMPESTADE

1

Yussef Al-Fakhry tinha 30 anos quando abandonou o mundo e isolou-se num eremitério no Vale da Kadisha, no Líbano Norte.

Seus motivos eram discutidos pelos aldeões das vizinhanças. Diziam uns: "É o filho de uma família aristocrática e rica, que amou uma mulher e foi por ela traído. Procurou o consolo na solidão." Outros diziam: "É um poeta que fugiu do bulício da sociedade para pôr seus sentimentos em versos." Diziam outros: "É um asceta que prefere o outro mundo a este." Para outros, era simplesmente um louco.

Nenhuma dessas opiniões me convencia, pois sei que os segredos das almas ficam além das nossas suposições e deduções. E desejava encontrar esse homem estranho e conversar com ele.

Duas vezes tentei aproximar-me dele, e só recebi palavras frias e altivas.

Da primeira vez, encontrei-o perto da floresta dos Cedros. Saudei-o amistosamente; mas ele só abanou a cabeça e se afastou.

A segunda vez, encontrei-o num vinhedo perto de um erimitério. Aproximei-me dele e disse: "Ouvi

dizer que este eremitério foi construído por um asceta siríaco no século XIV. É verdade isto?"
Respondeu, áspero: "Não sei quem construiu este eremitério, nem quero saber." Depois, virou as costas e foi-se embora.
Dois anos depois, o mistério continuava intacto.

2

Num dia de outono, estava passeando nas colinas, perto do eremitério de Yussef Al-Fakhry, quando um temporal me surpreendeu. Pensei: "Esta é a minha oportunidade para visitar o homem. A chuva me servirá de desculpa." E dirigi-me ao eremitério.
O homem que tanto desejava encontrar veio abrir-me a porta, segurando na mão um pássaro ferido e trêmulo. Saudei-o e disse: "Desculpa-me por favor por me apresentar aqui neste estado. Mas o temporal é violento e estou longe das habitações."
Fixou-me severamente e respondeu num tom de condenação: "As grutas são numerosas nesta região. Podias ter-te refugiado numa delas."
Disse isto, enquanto acariciava o pássaro com uma ternura que nunca vira na minha vida. A compaixão e a aspereza viviam lado a lado naquele homem. Fiquei espantado.
— Se a tempestade te tivesse engolido, acrescentou, terias recebido uma honra que não mereces.

Respondi: "Sim, Senhor. E fugi da tempestade e me refugiei aqui para não receber uma honra que não mereço."
Virou a cabeça, procurando esconder um sorriso leve; depois, acenou para uma cadeira e disse: "Senta-te e enxuga tua roupa."
Sentei-me, agradecido, e ele se sentou defronte de mim, num assento esculpido na pedra e começou a umedecer os dedos num líquido oleoso e a untar a asa e a cabeça machucadas do pássaro. Depois, olhou-me e disse: "O vendaval jogou este pobrezinho contra as pedras, entre vivo e morto... Pudessem os temporais quebrar as asas dos homens e machucar suas cabeças! Mas o homem foi amassado com medo e covardia. Mal pressente a tempestade, esconde-se nas fendas e nas grutas."
Retruquei, com a intenção de alimentar a conversação: "Sim, o pássaro e o homem têm essências diferentes. O homem vive à sombra de leis e tradições por ele inventadas; o pássaro vive segundo a lei universal que faz girar os mundos."
Seus olhos brilharam e seus braços se abriram como se tivesse encontrado em mim um aluno de rápida apreensão. Depois, disse: "Muito bem, muito bem. Se acreditas no que dizes, abandona os homens e vive como os pássaros, à lei da terra e do céu."
Respondi: "Claro que acredito no que digo."
Ergueu a mão e, voltando a seu tom anterior, disse: "Acreditar é uma coisa; viver conforme o que se acredita é outra coisa. Muitos falam como o mar, mas vivem como os pântanos. Muitos

levantam a cabeça acima dos montes; mas sua alma jaz nas trevas das cavernas."

3

A noite estendeu sobre aquelas terras seu manto negro. As chuvas tornaram-se torrenciais. Parecia-me que o dilúvio vinha de novo destruir a vida e lavar a terra de suas impurezas. Mas a fúria dos elementos provocou a serenidade em Yussef El-Fakhry. Sua agressividade desapareceu. Levantou-se, acendeu duas velas e trouxe uma garrafa de vinho e uma bandeja carregada de pão, queijo, azeitonas, mel e frutas dessecadas. Sentou-se perto de mim e disse, amável: "São todas as minhas provisões. Faze-me, ó irmão, o favor de partilhá-las comigo."

Jantamos em silêncio, com acompanhamento dos ventos e das chuvas.

Após tirar a mesa, apanhou de um lado da lareira uma cafeteira de bronze e verteu duas xícaras de café odoroso e trouxe uma caixa de cigarros.

Segurei a xícara e o cigarro, duvidando do que estava vendo. E ele, como se estivesse ouvindo-me pensar, sorriu e disse: "Estranhas que haja vinho e fumo e café neste eremitério. Talvez estranhes que haja comida. Não te censuro. Muitos imaginam que nosso afastamento da sociedade supõe nosso afastamento dos prazeres naturais e simples da vida."

— De fato. Imaginamos que os eremitas se sustentam apenas com água e ervas.

Retrucou: "Não abandonei o mundo para encontrar Deus, pois o encontrava na casa dos meus pais e em todo outro lugar. Afastei-me dos homens porque eu era uma roda que girava para a direita entre rodas que giravam para a esquerda. Deixei a civilização porque a achei uma árvore idosa e carcomida, cujas flores são a cobiça e o engano e cujas frutas são a infelicidade e o desassossego. Alguns reformadores tentaram transformá-la, mas nada conseguiram, e acabaram perseguidos e derrotados."

Inclinou-se sobre a lareira como se achasse prazer no efeito de suas palavras sobre mim, e, erguendo a voz mais ainda, acrescentou: "Não, não procurei a solidão para orar e me dedicar ao ascetismo; pois a oração, que é o canto da alma, atinge o ouvido de Deus, mesmo misturada com os gritos das multidões; e o ascetismo, que é a humilhação do corpo e a imolação dos seus desejos, é algo que não se enquadra na minha religião. Deus criou os corpos para serem os templos das almas. Devemos cuidar desses templos para que sejam dignos da divindade que neles mora. Não, meu irmão, não procurei a solidão para orar e me castigar, mas para fugir dos homens, de suas leis, de suas tradições e de seu barulho. Procurei a solidão porque me cansei dos que confundem amabilidade com fraqueza, e tolerância com covardia, e altivez com orgulho. Procurei a solidão porque me cansei de lidar com os endinheirados que pensam que o sol e a lua e as estrelas se levantam dos seus cofres e se deitam nos seus bolsos. Cansei-me dos políticos que enchem os

olhos dos povos com poeira dourada e seus ouvidos com falsas promessas. Cansei-me dos sacerdotes que aconselham os outros, mas não se aconselham a si mesmos, e exigem dos outros o que não exigem de si mesmos. Procurei as montanhas desabitadas porque nelas há o despertar da primavera, e os desejos do verão, e as canções do outono, e a força do inverno. Vim para este eremitério a fim de descobrir os segredos da terra e me aproximar do trono de Deus."

Calou-se e respirou, aliviado. Seus olhos brilhavam com uma luz estranha e cativante. Seu rosto irradiava grandeza, vontade, determinação.

Eu o olhava, feliz por ter descoberto o que ignorava dele. Depois, argumentei: "Acertaste em tudo. Mas não vês que, ao diagnosticar as doenças da sociedade como um médico competente, demonstraste que não te deves afastar dela antes de curá-la, como um médico não pode afastar-se do doente, mas tratá-lo até que sare ou morra? O mundo precisa de ti. Não é justo que te afastes dos homens quando podes beneficiá-los."

Fixou-me um instante e disse com amargura: "Desde o começo, os médicos têm procurado salvar este doente. Uns usaram do escalpelo; outros, de remédios; mas todos morreram desesperados, sem nada conseguir. Este doente malvado mata seus médicos e, depois, fecha-lhes os olhos e diz: 'Eram realmente grandes médicos.' Não, meu amigo, nenhum homem mudará os homens. O agricultor mais hábil não obterá colheita no inverno."

Respondi-lhe: "Mas o inverno da Humanidade passará. Depois, virá a primavera, com suas flores e canções."
Retrucou com um sorriso: "Será que Deus dividiu a eternidade em estações similares às estações do ano? Virá, mesmo daqui a um milhar de milhares de anos, uma geração de homens que viverá pelo espírito e a verdade, e achará sua felicidade na luz do dia e na quietude da noite? Virá tudo isto um dia?... Esses são sonhos longíquos. E este eremitério não é uma morada de sonhos..."
Respondi: "Respeito tuas convicções e tua solidão. Mas também sei que esta nação infeliz perdeu, com teu afastamento, um homem dotado, capaz de despertá-la e guiá-la."
Retrucou: "Esta nação é como as demais nações. Todos os homens são iguais e só diferem em aparências secundárias. O que se considera progresso no Ocidente é apenas outra sombra da ilusão. A hipocrisia que trata as unhos com refinamento não deixa de ser hipocrisia. E a impostura permanece impostura, mesmo quando se veste de seda e mora em palacete. E a fraude e a cobiça não mudam de natureza quando aprendem a medir as distâncias e a analisar os elementos; nem os crimes viram virtudes quando andam entre fábricas e arranha-céus...
"Quanto à escravidão do homem ao seu passado, às suas tradições e superstições, esta escravidão não mudará, mesmo que mudem todas as suas aparências. A escravidão não deixa de ser escravidão, chamando-se de liberdade. Não, meu irmão, o ocidental não é mais adiantado que o

oriental; nem é o oriental inferior ao ocidental. A diferença entre eles é a diferença entre lobo claro e lobo parto. Pois olhei e vi, atrás de todas as divergências, um mesmo poder que distribui igualmente entre todos a infelicidade, a cegueira, a ignorância — sem distinguir entre povo e povo ou raça e raça."

Perguntei, perplexo: "Então, a civilização é vã?"

Respondeu com ardor: "Sim, vã é a civilização. E tudo que está nela é vão. As descobertas e invenções nada são senão brinquedos com que a mente se diverte no seu tédio. Cortar as distâncias, nivelar as montanhas, vencer os mares, tudo isto não passa de aparências enganadoras, que não alimentam o coração nem elevam a alma. Quanto a esses quebra-cabeças, chamados ciências e artes, nada são senão cadeias douradas com as quais o homem se acorrenta, deslumbrado com seu brilho e seu tilintar... São os fios da tela que o homem tece desde o início do tempo sem saber que, quando terminar sua obra, terá construído a prisão dentro da qual ficará preso.

"Sim, vãs são as ações do homem e vãos seus anseios e esperanças. Vão é tudo o que está na terra. Entre os palácios da vida, uma coisa só merece nosso amor e nossa dedicação, uma coisa só..."

Esperei, ancioso, para saber o que era essa coisa única. Fechou os olhos, cruzou os braços, e sua face se iluminou. Depois, disse com uma voz suave e comovida: "É o despertar de algo no fundo dos fundos da alma. É aquela mão misteriosa que retirou os véus dos meus olhos quando estava no

meio dos meus. Ergui-me então, atônito, dizendo a mim mesmo: Quem são essas faces? Que representam para mim? Onde as conheci? Por que vivo entre elas? Quem, eu ou elas, é estranho nesta terra?..."
E, depois de um silêncio, finalizou: "Eis o que me aconteceu há quatro anos. Abandonei o mundo e me refugiei nesta solidão para viver num estado de despertar, e descobrir e sentir a paz."
Aproximou-se da porta, olhou dentro da noite e gritou como se falasse à tempestade: "É um despertar no fundo da alma. Quem o sente, não o pode expressar em palavras. E quem não o sente, não poderá nunca conhecê-lo através de palavras."

4

Uma longa hora se passou. Yussef El-Fakhry andava no meio daquele casebre, parando às vezes à porta para fitar a atmosfera sombria. Fiquei silencioso. Sentia as ondas de sua alma. Rememorava suas declarações, pensava na sua vida e no que havia, na sua solidão, de deleites e sofrimentos. No fim do segundo quarto da noite, aproximou-se de mim e disse: "Vou agora passear na tempestade. É meu hábito no outono e no inverno. Eis a cafeteira e a caixa de cigarros. Se quiseres vinho, encontrá-lo-ás naquele jarro. Se quiseres dormir, encontrarás naquele canto cobertas e travesseiros."

Depois, envolveu-se numa grossa capa preta e disse, sorrindo: "Rogo-te trancar a porta quando saires, pois passarei o dia todo na floresta dos Cedros... Se o temporal te surpreender outra vez nestas redondezas, não hesites em te refugiar neste eremitério. Mas faço votos para que aprendas a amar as tempestades em vez de fugir delas."

5

Pela manhã, o temporal havia passado e o sol inundava as florestas e os rochedos. Deixei o eremitério, sentindo na alma algo do despertar espiritual de que falara Yussef El-Fakhry.

A FADA FEITICEIRA

Para onde me levas, ó feiticeira?
Até quando te seguirei neste caminho escarpado, coberto de espinhos, que serpenteia entre as pedras e leva nossos pés aos cumes e nossas almas ao abismo?
Segurei a orla de teu vestido e segui-te como uma criança segue sua mãe, esquecido de meus sonhos, absorvido na tua beleza, distraído das sombras que esvoaçam em volta de minha cabeça, atraído pela força misteriosa que se esconde em teu corpo.
Para um momento e deixa-me ver teu rosto. Olha um momento para mim: talvez eu descubra nos teus olhos os segredos de teu coração, e nos teus traços os enigmas de tua alma.

Para um momento, ó fada. Estou cansado de andar, e minha alma teme os perigos do caminho. Para. Já atingimos a encruzilhada onde a morte e a vida se encontram. E não darei sequer um passo até que minha alma descortine as intenções de tua alma e meu coração discirna os segredos de teu coração.

Ouve, ó fada feiticeira.

Ontem eu era um pássaro livre que se movia entre os arroios e pairava no espaço e ao entardecer pousava na ponta dos ramos e contemplava os palácios e os templos na cidade de nuvens coloridas que o sol constrói ao crepúsculo e destrói antes do ocaso.

E era como o pensamento que percorre, sozinho, as terras do Oriente e do Ocidente, alegre com as belezas e delícias da vida, sondando os segredos e mistérios da existência.

E era como um sonho: caminhava nas trevas da noite e entrava pelas janelas nas alcovas das virgens adormecidas e brincava com seus sentimentos. Depois passava pelos leitos dos jovens e incitava seus desejos. E sentava-me perto dos velhos e analisava seus pensamentos.

Hoje, tendo-te encontrado, ó feiticeira, e tendo absorvido o veneno nos teus beijos, tornei-me um prisioneiro que carrega suas cadeias para onde ele mesmo não sabe; e tornei-me um embriagado que pede mais do vinho que lhe roubou a vontade, e beija a mão que o esbofeteou.

Para um momento, ó feiticeira. Já recuperei minhas forças e quebrei as cadeias que me algemavam os pés, e rejeitei a taça onde bebia um

veneno que me deliciava. Que queres que façamos, e em que caminho queres que andemos?
Reconquistei minha liberdade.
Aceitas-me, um companheiro livre que "fita o sol com pálpebras firmes e agarra o fogo com dedos que não tremem"?
Abri novamente as asas. Aceitas-me, um amigo que passa os dias movendo-se como uma águia entre as montanhas, e as noites dormindo no deserto como um leão?
Satisfar-te-ás com o amor de um homem para quem o amor é um comensal e não um dono?
Aceitarás a paixão de um coração que deseja, mas não se entrega, e queima, mas não se derrete?
Aceitar-me-ás, um amigo que não escraviza nem se deixa escravizar?
- Eis, então, a minha mão: toma-a na tua bonita mão. Eis meu corpo: aperta-o com teus braços macios. Eis a minha boca: beija-a longamente, profundamente, silenciosamente.

ENTRE A NOITE E A AURORA

Cala-te, meu coração. Pois o espaço não te ouve.
Cala-te, pois o éter, sobrecarregado de lamentações e gemidos, não levará tuas canções e teus cânticos.
Cala-te. As sombras da noite não se interessam pelos teus segredos sussurrados, e as procissões das trevas não se detêm diante de teus sonhos.
Cala-te, meu coração. Cala-te até a aurora. Pois quem espera pela aurora com paciência,

enfrentará a aurora com fortaleza. E quem ama a luz será amado pela luz.
Cala-te, meu coração, e ouve-me.
Em sonho, vi um rouxinol cantar por cima de um vulcão em atividade.
E vi um lírio levantar a cabeça acima da neve.
E vi uma fada nua dançando entre os túmulos.
E vi uma criança brincando com os crânios, e rindo.
Vi todas essas imagens em sonho, e quando acordei e olhei em volta de mim, vi o vulcão em atividade, mas não ouvi o rouxinol, nem o vi.
E vi o espaço espalhar a neve sobre as campinas e os vales, e enterrar sob suas mortalhas brancas o corpo dos lírios.
E vi filas de túmulos, eretos diante do silêncio dos séculos; mas, em meio a eles, ninguém dançava ou rezava.
E vi um montículo de crânios; mas ninguém ria, lá, senão o vento.
No meu despertar, só vi tristezas e prantos. Aonde foram as alegrias do sonho? E seu esplendor, e suas imagens? E como pode a alma agüentar até que o sono lhe devolva as sombras de suas esperanças e aspirações.
Presta atenção ao que estou dizendo, ó meu coração.
Ontem, minha alma era uma árvore forte, cheia de anos. Suas raízes penetravam nas profundezas da terra, e seus ramos atingiam o céu.
E minha alma floresceu na primavera, e deu frutos no verão. E quando chegou o outono, colhi os frutos em bandejas de prata e coloquei as

bandejas nos caminhos públicos, e os transeuntes os apanhavam e comiam e prosseguiam no seu caminho.
E no fim do outono, olhei e vi nas minhas bandejas apenas um fruto que os transeuntes haviam deixado. Apanhei-o e comi-o e achei-o amargo como o fel, azedo como a uva verde. E disse à minha alma:
"Ai de mim! Pus maldição na boca das pessoas e ódio nos seus estômagos. Que fizeste, minha alma, com a doçura que tuas raízes sugaram das profundezas da terra e com o perfume que teus ramos beberam da luz do sol?"
Depois, arranquei a árvore da minha alma, por mais forte e cheia de anos que fosse.
Arranquei-a, com suas raízes, da terra onde havia brotado e crescido; arranquei-a do seu próprio passado, e despojei-a da lembrança de mil primaveras e de mil outonos.
Depois, plantei a árvore de minha alma em terra nova.
Plantei-a num campo distante, afastado dos caminhos do tempo. E velei-a, dizendo: "As vigílias nos aproximam das estrelas." E reguei-a com meu sangue e minhas lágrimas, dizendo: "No sangue há sabor e nas lágrimas há doçura."
E quando voltou a primavera, minha alma floresceu de novo.
E no verão deu frutos.
E quando chegou o outono, colhi os frutos maduros em bandejas de ouro e coloquei-os na encruzilhada das estradas. E muitos transeuntes passaram, mas ninguém estendeu a mão e

apanhou um fruto. Tirei então um fruto e comi-o. E achei-o doce como o mel e saboroso como o elixir, e mais capitoso que o vinho de Babilônia e mais perfumado que o hálito do jasmim. Gritei então:
"Os homens não querem a bênção em suas bocas nem a verdade em seus corações, porque a bênção é filha das lágrimas e a verdade é filha do sangue."
E voltei e sentei-me à sombra da árvore da minha alma num campo afastado dos caminhos dos homens.
Cala-te, meu coração, até a aurora.
Cala-te, pois o espaço está repleto com o cheiro dos cadáveres e não absorverá teu hálito.
Ouve, meu coração, as minhas palavras:
Ontem, meu pensamento era um veleiro que oscilava de um lado para o outro com as ondas, e se movia ao sabor dos ventos de uma praia a outra.
E o veleiro de meu pensamento estava vazio de tudo. Só possuia sete vasos cheios, com tinta de sete cores, diferentes, tal um arco-íris.
Um dia, enfadei-me de viajar pelos mares e decidi voltar com o veleiro vazio do meu pensamento para a terra onde nascera.
E comecei a pintar meu veleiro com cores amarelas como o pôr do sol, e verdes como o coração da primavera, e azuis como o teto do céu, e vermelhas como o horizonte em chama; e desenhei sobre as velas e o timão formas estranhas que atraem a vista e encantam a imaginação. E ao término de meu trabalho, apareceu o veleiro do meu pensamento como a

visão de um profeta vagando entre dois infinitos: o mar e o céu. Entrei então no porto da minha terra, e o povo todo saiu ao meu encontro com aleluias e regozijos, e conduziram-me à cidade ao som dos tambores e das trombetas.
Fizeram tudo isto porque o exterior de meu veleiro era colorido e atraente, mas ninguém entrou no interior do veleiro do meu pensamento.
E ninguém perguntou o que havia trazido de além-mar no meu veleiro.
E ninguém soube que o havia trazido vazio ao porto.
Então disse, comigo mesmo: "Enganei a todos, e, com sete vasos de cores, iludi seus olhos e sua imaginação."
Um ano depois, embarquei novamente no meu veleiro.
Visitei as ilhas do Oriente e lá recolhi a mirra, o sândalo e o âmbar.
E fui às ilhas do Ocidente onde recolhi a poeira do ouro, o marfim, o zircônio e as esmeraldas, e todas as demais pedras preciosas.
E fui às ilhas do Norte e delas trouxe as sedas e os bordados.
E às ilhas do Sul, de onde trouxe as espadas e os escudos mais aperfeiçoados, e todas as variedades de armas.
Enchi o navio de meu pensamento de todas as coisas valiosas da terra e de todas as curiosidades.
E voltei ao porto da minha terra, pensando:
"Agora meu povo me glorificará com razão e me receberá com regozijo merecido."

Mas, quando atingi o porto, ninguém saiu ao meu encontro, e percorri as ruas da minha cidade, sem que ninguém me desse a menor atenção.
E falei nas praças públicas, enumerando os tesouros que havia trazido. Mas o povo olhava-me com desprezo ou zombava de mim e passava.
Voltei ao porto, triste e perplexo. E quando vislumbrei meu navio, dei-me conta de uma coisa de que não me apercebera nas ocupações da minha viagem. Gritei, dizendo:
"As ondas do mar apagaram a pintura das paredes do meu navio e ele apareceu como um esqueleto. E o calor do sol e os ventos e a espuma do mar apagaram os desenhos de suas velas e elas parecem farrapos cor de cinza."
Reuni os tesouros do mundo num caixão flutuante sobre o mar, e voltei ao meu povo; e ele me renegou, pois seus olhos só vêem as aparências.
Naquele momento, deixei o veleiro do meu pensamento e fui-me à cidade dos mortos e sentei-me no meio dos túmulos pintados de branco a meditar sobre os seus segredos.
Cala-te, meu coração, até a aurora
Cala-te, pois a tempestade ri do murmúrio de tuas profundezas, e as grutas do vale não repetirão o eco das vibrações de tuas cordas.
Cala-te, meu coração, até a aurora. Quem espera pela aurora com paciência, a aurora o abraçará com afeição.
Eis que a aurora está chegando. Fala, meu coração, se puderes falar.

Eis a procissão da aurora, ó meu coração. Terá o silêncio da noite deixado nas tuas profundezas uma canção com que acolher a aurora?
Os bandos de pombos e de rouxinóis esvoaçam, passando de um lugar a outro nos cantos do vale. Terão os temores da noite deixado bastante força nas tuas asas para que possas voar?
Os pastores levam seus rebanhos aos campos verdes. Terão os fantasmas da noite te deixado bastante energia para que os sigas?
Os jovens e as jovens caminham devagar rumo aos vinhedos. Por que não te levantas e caminhas com eles?
Levanta-te, meu coração. Levanta-te, e caminha com a aurora. Pois a noite já se foi. E os temores da noite desvaneceram-se.
Levanta-te, meu coração, e eleva tua voz numa canção. Quem não participa das canções da aurora é incluído entre os filhos das trevas.

Ó FILHOS DA MINHA MÃE

Que quereis de mim, ó filhos da minha mãe?
Quereis que construa para vós, com promessas vazias, palácios decorados com palavras e cobertos com sonhos? Ou quereis, antes, que destrua o que os mentirosos edificaram e renegue o que os impostores estabeleceram?
Que quereis que faça, ó filhos de minha mãe? Que arrulhe como os pombos para vos agradar ou que ruja como os leões para me agradar a mim mesmo?

Cantei para vós, e não dançastes; e gemi diante de vós, e não chorastes. Quereis que cante e gema ao mesmo tempo?
Vossas almas definham de fome, embora o pão do saber seja mais abundante que as pedras no vale; por que não comeis? Vossos corações ardem de sede, embora as fontes da vida corram como rios em volta de vossas casas; por que não bebeis?
O oceano tem preamar e baixa-mar, e a lua tem quartos minguantes e quartos crescentes, e o tempo tem verão e inverno. Mas a verdade nunca se eclipsa e nunca muda. Por que procurais desfigurar a verdade?
Chamei-vos na quietude da noite para mostrar-vos a beleza da lua e a majestade das estrelas; acordastes de vosso sonho, aterrorizados, e apanhastes vossas espadas e vossas lanças, gritando: "Onde está o inimigo? Queremos esmagá-lo." E quando, na madrugada, o inimigo chegou realmente, chamei-vos, mas mão acordastes, e continuastes a caminhar nas procissões dos sonhos.
Disse-vos: "Vamos subir ao cume da montanha; quero mostrar-vos os reinos da terra." Respondestes, dizendo: "Nas profundezas deste vale, viveram nossos pais e avós, e aqui morreram, e aqui foram enterrados. Como abandonaremos este lugar para ir aonde não foram?"
Disse-vos: "Vamos às planícies; quero mostrar-vos as minas de ouro e os tesouros da Terra." Respondestes: "Nas planícies, há assaltantes. Por que nos arriscar?"

Disse-vos: "Vamos às costas, onde o mar entrega suas riquezas." Respondestes: "O fragor do abismo amedronta nossas almas, e o terror das profundezas destrói nossos corpos."
Amava-vos, ó filhos da minha mãe. Mas meu amor me prejudicava, e não vos beneficiava. Agora, detesto-vos, e o ódio é uma torrente que só arrasta os troncos dessecados e só derruba as casas abaladas.
Tinha pena de vossa fraqueza, ó filhos de minha mãe. Mas a piedade só serve para aumentar o número dos fracos e dos indolentes, e não beneficia a vida em nada. Hoje, quando vejo vossa fraqueza, minha alma treme de desgosto e se retrai de desdém
Chorava por vossa humildade e esmagamento, e minhas lágrimas corriam claras como o cristal. Mas não lavaram vossas chagas; tiraram apenas o véu dos meus olhos. Tampouco conseguiram enternecer vossos corações petrificados; apenas libertaram minha alma da ansiedade. Hoje, rio-me de vossas dores. O riso é um trovão arrasador que precede a tempestade e não a segue.
Que quereis de mim, ó filhos de minha mãe? Quereis que vos mostre as sombras de vossos rostos nas guas tranquilas? Vinde, pois, e vede como vossos rostos são feios.
Pensai e meditai. O medo transformou vossos cabelos em cinzas, e a insônia transformou vossos olhos em cavidades escuras, e a covardia tocou vossos semblantes e os transformou em farrapos enrugados; e a morte beijou vossos lábios, e eles se tornaram amarelos como as folhas do outono.

Que pedis de mim, ó filhos da minha mãe? E que pedis da vida? A vida não mais vos considera seus filhos.
Vossas almas se agitam nas mãos dos sacerdotes e dos bruxos, e vossos corpos tremem entre as garras dos tiranos e dos sanguinários, e vosso país agoniza sob os pés do inimigo e dos conquistadores. Que esperais da luz do sol?
Vossas espadas estão enferrujadas; e vossas lanças, cegas, e vossos escudos, cobertos de lama. Por que permaneceis no campo da batalha?
A vida é energia na juventude, e criação na idade madura, e sabedoria na velhice. Mas vós nascestes velhos, e depois virastes crianças pela futilidade de vossos pensamentos.
A Humanidade é um rio cristalino que, cantando e levando os segredos das montanhas, se precipita nas profundezas do mar. Quanto a vós, ó filhos de minha mãe, sois pântanos traiçoeiros, habitados por insetos e serpentes.
A alma é uma ehama azul que consome as ervas secas e cresce com as marés e ilumina o rosto dos deuses. Mas vossas almas são cinzas que o vento espalha sobre a neve e que as tempestades dissipam nos vales.
Odeio-vos, ó filhos da minha mãe, porque odiais a glória e a grandeza.
Menosprezo-vos porque menosprezais vossas próprias almas
Sou vosso inimigo porque sois inimigos dos deuses, e não o sabeis!

A VIOLETA AMBICIOSA

Havia num bosque isolado uma bonita violeta que vivia satisfeita entre suas companheiras.
Certa manhã, levantou a cabeça e viu uma rosa que se balançava acima dela, radiante e orgulhosa.
Gemeu a violeta, dizendo: "Pouca sorte tenho eu entre as flores: Humilde é meu destino! Vivo pegada à terra, e não posso levantar a face para o sol como fazem as rosas."
A Natureza ouviu, e disse à violeta: "Que te aconteceu, filhinha? As vãs ambições apoderaram-se de ti?"
— Suplico-te, ó Mãe poderosa, disse a violeta. Transforma-me em rosa, por um só dia que seja.
— Tu não sabes o que estás pedindo, retrucou a Natureza. Ignoras o que se esconde de infortúnios atrás, das aparentes grandezas.
— Transforma-me numa rosa esbelta e alta, insistiu a violeta. E tudo o que me acontecer será a conseqüência dos meus próprios desejos e aspirações.
A Natureza estendeu sua mão mágica, e a violeta tornou-se uma rosa suntuosa.
Na tarde daquele dia, o céu escureceu-se, e os ventos e a chuva devastaram o bosque. As árvores e as rosas foram abatidas. Somente as humildes violetas escaparam ao massacre. E uma delas, olhando em volta de si, gritou às suas companheiras: "Eh, vejam o que a tempestade fez

das grandes plantas que se levantam com orgulho e impertinência."
Disse outra: "Nós nos apegamos à terra; mas escapamos à fúria dos furacões."
Disse uma terceira: "Somos pequenas e humildes; mas as tempestades nada podem contra nós."
Então a rainha das violetas viu a rosa que tinha sido violeta, estendida no chão como morta. E disse:
— Vejam e meditem, minhas filhas, sobre a sorte da violeta que as ambições iludiram. Que seu infortúnio lhes sirva de exemplo!
Ouvindo essas palavras, a rosa agonizante estremeceu e, apelando para todas as suas forças, disse com voz entrecortada:
"Ouvi. vós, ignorantes, satisfeitas, covardes. Ontem, eu era como vós, humilde e segura. Mas a satisfação que me protegia também me limitava. Podia continuar a viver como vós, pegada à terra, até que o inverno me envolvesse em sua neve e me levasse para o silêncio eterno sem que soubesse dos segredos e glórias da vida mais do que as inúmeras gerações de violetas, desde que houve violetas.
"Mas escutei no silêncio da noite e ouvi o mundo superior dizer a este mundo: 'O objetivo da vida é atingir o que há além da vida.' Pedi então à Natureza — que nada mais é do que a exteriorização de nossos sonhos invisíveis — transformar-me em rosa. E a Natureza acedeu ao meu desejo.
"Vivi uma hora como rosa. Vivi uma hora como rainha. Vi o mundo pelos olhos das rosas. Ouvi a

melodia do éter com o ouvido das rosas. Acariciei a luz com as pétalas das rosas. Pode alguma de vós vangloriar-se de tal honra?
"Morro agora, levando na alma o que nenhuma alma de violeta jamais experimentou. Morro, sabendo o que há atrás dos horizontes estreitos onde nasci. É este o objetivo da vida."

O COVEIRO

No Vale das Trevas da vida, pavimentado com ossos e caveiras, andava eu sozinho numa noite em que as nuvens escondiam as estrelas e o terror enchia o silêncio.
Lá, na margem do rio de sangue e lágrimas que serpenteia como as cobras e corre como os sonhos dos criminosos, parei, os olhos fitos no vácuo, para escutar o murmúrio dos espíritos.
Quando soou a meia-noite e as procissões das almas começaram a sair dos seus esconderijos, ouvi passos pesados se aproximarem de mim. Virei a cabeça, e vi um fantasma gigante de pé na minha frente. Gritei, terrificado: "Que queres de mim?"
A sombra me fixou com dois olhos incandescentes, feitos tochas, e respondeu vagarosamente: "Não quero nada, e quero tudo."
Retruquei: "Deixa-me em paz e prossegue no teu caminho."
Respondeu, sorrindo: "Meu caminho é teu caminho. Ando quando andas, e paro quando paras."

Disse: "Vim aqui à procura de solidão. Não perturbes minha solidão."
Retrucou: "Eu sou a própria solidão. Por que me temes?"
Respondi: "Não te temo."
Disse: "Por que então tremes, qual vergôntea na tempestade?"
Respondi: "O vento agita minha roupa. Mas não estou tremendo."
Soltou uma gargalhada, ruidosa como o vendaval, e disse: "!És apenas um covarde: temes-me, e temes de me temer. E procuras esconder teu medo atrás de um véu mais frágil do que uma teia de aranha. Tu me divertes e irritas ao mesmo tempo."
Disse isto e sentou-se numa pedra. Sentei-me também, mau grado meu, e comecei a contemplar seus traços altivos.
Após um momento, que me pareceu mil anos, olhou-me com ironia e perguntou: "Qual é o teu nome?"
— Meu nome é Servo de Deus.
Retrucou: "Quantos se dizem servos de Deus! E só servem de embaraços a Deus. Por que não te chamas: 'Amo dos Diabos', e acrescentas assim nova desgraça às desgraças dos demônios?"
Respondi: "Meu nome é Servo de Deus. Gosto dele, pois foi-me dado por meu pai quando nasci. E não o substituirei por nenhum outro."
Disse: "A infelicidade dos filhos está no que recebem dos pais. Quem não renuncia ao legado de seus pais e avós, será escravo dos mortos até que se torne um morto por sua vez."

Inclinei a cabeça e meditei. E parecia-me rever sonhos parecidos com suas palavras.
Voltou a interrogar-me: "Qual é a tua profissão?"
Respondi: "Sou poeta e escritor. Tenho sobre a vida opiniões que comunico aos homens."
Retrucou: "Que profissão obsoleta e superada! Nem beneficia nem prejudica os homens."
Perguntei: "E como empregarei meus dias e noites para beneficiar os homens?"
Respondeu: "Faze-te coveiro para livrar os vivos dos cadáveres que se amontoam em volta de suas moradas e tribunais e templos."
Disse: "Não vi nenhum cadáver abandonado por aí."
Retrucou: "Tu olhas com os olhos da ilusão. Ao ver os homens se agitarem na tempestade, pensas que vivem, quando na realidade estão mortos desde que nasceram. Mas não houve quem os enterrasse, e ficaram sobre a terra a exalar podridão."
O medo começava a abandonar-me. Perguntei: "Como distinguirei os vivos dos mortos, já que todos se agitam na tempestade?"
Respondeu: "O morto se agita na tempestade; mas o vivo corre com ela e só para quando ela para."
Reclinou-se sobre o braço e vi seus músculos poderosos, tecidos como as raízes de um carvalho. Depois, perguntou-me: "És casado?"
— Sim, respondi, e minha mulher é formosa; e estou apaixonado por ela.
Retrucou: "Quantos crimes e malefícios tens cometido! ... O casamento é a submissão do

homem à força do hábito. Se quiseres libertar-te, divorcia-te de tua mulher e vive sem laços."
Disse: "Mas tenho três filhos, o maior dos quais brinca com bolas, e o menor ainda balbucia as palavras. Que farei deles?"
Respondeu: "Ensina-lhes a cavar túmulos e dá-lhes pás e deixa-os a si mesmos."
Disse: "Não suporto viver só. Habituei-me a gozar a vida com minha mulher e filhos. Se os abandonar, a felicidade me abandonará."
Retrucou: "O homem que vive com sua mulher e seus filhos vive numa negra infelicidade, mas camufla-a com pintura branca Se achas indispensável casar-te, casa-te com uma fada."
Disse, surpreendido: "As fadas não existem. Por que me enganas?"
Respondeu: "Como és tolo! Só as fadas existem realmente. É fora do mundo das fadas que imperam a dúvida e o equívoco."
Perguntei: "As filhas das fadas são bonitas?"
Respondeu: "Sua beleza não esmaece, e sua graça é eterna."
Disse: "Mostra-me uma delas para que acredite."
Respondeu: "Se pudesses ver e tocar as fadas, não te teria aconselhado a casar-te com uma delas."
— E que utilidade tem para mim uma esposa que não posso nem ver nem tocar?
Respondeu: "A utilidade não é tua, mas de todos. Pois, com tal casamento, desaparecerão pouco a pouco as criaturinhas que se agitam com a tempestade e não andam com ela."
Virou a cabeça; depois, perguntou: "E qual é a tua religião?"

Respondi: "Acredito em Deus e honro seus profetas e amo a virtude e espero pela vida eterna."
Disse: "Essas são fórmulas que as gerações passadas têm repisado e que a imitação depositou nos teus lábios. Na realidade, tu só crês em ti mesmo e só honras a ti mesmo e só esperas por tua própria imortalidade. Desde o começo, o homem adora seu próprio ego, mas lhe empresta diversos nomes, conforme suas inclinações e aspirações, chamando-lhe ora Baal e ora Júpiter e ora Deus."
E desatou a rir ironicamente, dizendo: "O mais estranho é que só adoram seus egos aqueles cujos egos são cadáveres pútridos."
Meditei um minuto nestas palavras mais estranhas do que a vida e mais terríveis do que a morte e mais profundas do que a verdade. E senti o desejo incontrolável de descobrir os segredos deste ser extraordinário. Gritei-lhe: "Se acreditas em Deus, conjuro-te por Ele, dize-me: quem és tu?"
Respondeu: "Eu sou meu próprio deus."
— Qual é teu nome?
— O Deus Louco.
— Onde nasceste?
— Em toda parte.
— Quando nasceste?
— Em todas as épocas.
— E quem te revelou a sabedoria e os segredos da Vida?
— Eu não sou um sábio. A sabedoria é a fraqueza dos homens fracos. Eu sou um louco. Quando ando, a terra treme sob meus passos; e quando

paro, todas as estrelas param. Aprendi dos demônios a zombar dos homens. E descobri os segredos da existência e da não-existência após freqüentar os reis das fadas e os gigantes da noite."
Perguntei: "E que fazes nestes vales escarpados? E como passas teus dias e noites?"
Respondeu: "Pela manhã, amaldiçoo o sol; ao meio-dia, amaldiçoo a Humanidade; à tarde, zombo da Natureza; e, à noite, ajoelho-me perante mim mesmo e me adoro."
Perguntei-lhe: "E que comes e bebes, e onde dormes?"
Respondeu: "Eu, o tempo e o mar nunca dormimos. Nutrimo-nos da carne e do sangue dos homens. E perfumamo-nos com seu hálito."
Levantou-se e cruzou os braços sobre o peito. Depois, fixou-me nos olhos e disse com voz profunda e tranqüila: "Até à vista. Já me vou para onde se reúnem os colossos e os gigantes."
Gritei: "Espera, por favor. Tenho mais uma pergunta a te fazer."
Mas ele já estava meio escondido na neblina, e ouvi-o dizer: "Os deuses enlouquecidos não esperam por ninguém. Até à vista."
E logo desapareceu nas trevas, deixando-me atônito e temeroso.
Nos rochedos altos, o eco repetia suas palavras: "Até à vista. Até à vista."
No dia seguinte, divorciei-me de minha mulher e casei-me com uma fada. Depois, dei a cada um dos meus filhos uma pá e uma picareta, e disse-

lhes "Partam. E, cada vez que virem um morto, enterrem-no."
E desde então, eu só cavo túmulos e enterro mortos. Mas os mortos são muitos, e eu sou sozinho, e ninguém me ajuda.

MEUS PARENTES MORRERAM

Meus parentes estão mortos, e eu vivo a chorá-los na minha solidão e isolamento.
Meus amados estão mortos, e o seu desaparecimento mergulhou minha vida na desgraça.
Meus parentes estão mortos, e as suas lágrimas e o seu sangue mancham os prados da minha terra; e eu estou aqui, vivendo como vivia quando meus parentes e amados estavam sentados no trono da vida e a minha terra estava iluminada pelo sol.
Meus parentes morreram de fome, e quem não morreu de fome morreu pelo fio da espada, e eu vivo neste país longínquo, no meio de um povo alegre e satisfeito, que tem alimentos fartos e camas macias.
Meus parentes morreram de morte humilhante, e eu vivo na paz e na abundância. Eis o drama que se desenrola no palco da minha alma.
Se estivesse esfomeado e perseguido no meio da minha gente esfomeada e perseguida, os dias seriam menos pesados sobre meu peito, e as noites menos escuras aos meus olhos, pois quem partilha do flagelo dos seus sente o consolo que

nasce do martírio, e se orgulha de morrer inocente entre os inocentes.
Mas não estou no meio do meu povo esfomeado, oprimido e martirizado. Estou aqui além dos sete mares, protegido pela segurança, provido de todos os bens. Estou longe da tortura e dos torturados, e de nada posso me glorificar — nem mesmo de minhas lágrimas.
E que pode o exilado distante fazer por seus parentes flagelados?
Sim, de que servem as elegias e o pranto do poeta?
Se eu fosse uma espiga de trigo no solo da minha pátria, o menino faminto me arrancaria e afastaria a sombra da morte com os meus grãos.
Se eu fosse um fruto 'maduro nos jardins do meu país, a mulher postrada me apanharia e me comeria para recuperar suas forças.
Se eu fosse um passarinho no céu da minha terra, o homem famélico me caçaria e com minha carne neutralizaria a invasão do túmulo em seu corpo.
Mas, ai, não sou nem uma espiga de trigo nem um fruto maduro na minha terra. E eis a minha infelicidade. Uma infelicidade muda que me faz sentir-me pequeno diante de mim mesmo e diante das sombras da noite.
Eis o drama doloroso que encadeia minha língua e minhas mãos, e me deixa extenuado, vazio, sem vontade, sem iniciativa.
Dizem-me: "A desgraça de tua terra nada mais é do que um aspecto da desgraça universal, e as lágrimas e o sangue que foram vertidos no teu país são apenas algumas gotas do rio de sangue e

lágrimas que corre dia e noite nos vales e planícies da Terra."
Sim, mas a desgraça de meu povo é uma desgraça muda, preparada e executada por serpentes nas trevas e no sigilo.
Se meu povo se tivesse revoltado contra governantes tirânicos e tivesse perecido inteiramente na rebelião, diria eu que a morte pela liberdade é mais honrosa que a vida na submissão. E quem penetra na eternidade de espada na mão, torna-se imortal — como a justiça é imortal.
Se meu país tivesse tomado parte na luta das nações e perecido no campo da batalha, eu diria que a tempestade arranca na sua passagem os ramos verdes como os ramos secos, e que a morte na tempestade é mais honrosa que a morte na apatia da velhice.
Se um terremoto houvesse assolado minha pátria, e enterrado sob seus escombros meus parentes e bem-amados, eu diria que as leis ocultas obedecem a uma vontade superior à vontade humana, e não devemos procurar penetrar os seus mistérios.
Mas meus parentes não morreram numa rebelião, nem no campo de batalha, nem num terremoto.
Meus parentes morreram crucificados.
Morreram de mãos estendidas para o Oriente e o Ocidente e de olhos fitos na escuridão do espaço.
Morreram no silêncio, pois os ouvidos da Humanidade se fecharam para seus apelos e gritos.

Morreram, porque não aceitaram aliar-se a seus inimigos como covardes, nem renegar seus amigos como traidores.
Morreram porque não eram criminosos.
Morreram porque eram pacíficos.
Morreram de fome na terra onde jorram o mel e o leite.
Morreram porque os demônios roubaram os produtos de seus campos e os rebanhos de seus pastos.
Morreram porque as serpentes sopram seu veneno na atmosfera que antes era perfumada pelo hálito dos cedros e das rosas e do jasmim.
Meus e vossos parentes morreram, ó meus irmãos e compatriotas. Que podemos fazer por quem não morreu entre eles?
Nossos lamentos não satisfarão sua fome. Nossas lágrimas não aplacarão sua sede. Deixá-los-emos perecer sem fazermos nenhuma tentativa para salvá-los?
Permaneceremos hesitantes, duvidosos, preguiçosos, distraídos do seu grande drama pelas futilidades da vida?
O sentimento que nos leva a dar algo de nossa vida para salvar os que correm o risco de perder toda a sua vida é o único gesto que nos manterá dignos da luz do dia e da quietude da noite.
E o auxílio que colocamos na mão vazia que se estende para nós é o elo de ouro que ligará o que há de humano em nós aos valores supra-humanos da vida.

ANESTÉSICOS E ESCALPELOS

Ele é extremista até a loucura nos seus princípios".
"É um quimérico; e seus escritos só servem para corromper os jovens."
"Se os homens e as mulheres, solteiros e casados, seguissem os ensinamentos de Gibran sobre o casamento, as bases da família seriam minadas, o edifício da sociedade humana ruiria, e este mundo se transformaria num inferno, e seus habitantes em demônios.''
"Apesar da beleza de seu estilo, ele é um inimigo da Humanidade."
"Ele é um niilista, um ateu, um herético. Aconselhamos aos habitantes desta Montanha Sagrada a rejeitarem-lhe o ensino e queimarem-lhe os livros para que nada deles se fixe nas suas almas."
"Lemos o seu romance Asas Partidas, e o achamos cheio de veneno recoberto de mel."
Eis algo do que dizem de mim, e eles têm razão. Sou extremista até a loucura. Gosto de destruir tanto quanto de construir. Odeio o que os homens santificam, e amo o que eles rejeitam. E se me fosse dado arrancar as tradições e as crenças dos homens, não hesitaria um minuto em fazê-lo.
Quanto à alegação de que sirvo o veneno recoberto de mel, ela contém uma meia verdade. A verdade total é que sirvo o veneno puro... Mas sirvo-o em taças límpidas e transparentes.
Alguns procuram defender-me, dizendo: "É um idealista que vive nas nuvens". Na realidade, eles

vêem as taças luminosas, sem reconhecer o seu conteúdo. Chmámam-lhe veneno porque seus estômagos debilitados são incapazes de digeri-lo.
Esta introdução pode parecer rude e atrevida. Mas não são a rudeza e o atrevimento preferíveis à traição falsamente suave?
A rudeza se apresenta como ela é, enquanto que a traição veste roupa feita para outros.
Os orientais pedem ao escritor que seja como a abelha que percorre os campos, recolhendo o néctar das flores para confeccionar o mel.
E eles gostam de mel, e não querem outra alimentação. Consomem-no em tamanhas quantidades que suas almas viraram mel que se derrete diante do fogo (o fogo da verdade).
E os orientais pedem ao poeta que se transforme em incenso que queima diante de seus sultões e governantes e patriarcas. A atmosfera do Oriente já é escurecida pelas nuvens de incenso que se elevam das vizinhanças dos tronos, altares e sepulturas. Assim mesmo, ainda não estão satisfeitos. Em nossos próprios dias, h,á panegiristas como Al-Mutanabbi e elegistas como Al-Khansa e cortesões de palavra ainda mais melosa que Safi Ad-Din Al-Hali.
E os orientais querem que o mundo pesquise os anais de seus antepassados, que se aprofunde no estudo de seus feitos e tradições e de todos os meandros de sua língua e gramática.
E esperam do pensador que repita o que disseram Baidaba e Ibn Rosh e Efraim o siríaco e João Damasceno e que não ultrapasse nos seus escritos os limites da pregação banal e da orientação

incolor, enfeitando-as com aquelas notas e ditos que transformariam o caminho de quem os seguisse num campo de ervas murchas e a sua vida num poço de águas mornas, misturadas com um pouco de sedativo.
Em resumo, os orientais vivem nos palcos do passado e preferem as declarações negativas, vagas, inconseqüentes e detestam as verdades positivas, desnudas, fortes, que os sacudiriam e os despertariam de seu sono profundo, envolto em sonhos suaves.
O Oriente é, na realidade, um doente, atingido há tanto tempo por tantos males que se acostumou à dor e olha para suas chagas como se fossem bênçãos próprias das almas elevadas.
E os médicos do Oriente são legião. Mas só empregam os analgésicos que neutralizam momentaneamente o sofrimento, sem curar o mal.
Esses analgésicos sociais são muito variados. Multiplicam-se a si mesmos na medida em que as doenças se multiplicam. E cada vez que aparece uma doença nova, os médicos inventam-lhe novo analgésico.
As causas que levaram ao emprego de tantos analgésicos são numerosas. As mais importantes são a entrega do doente à célebre filosofia da Fatalidade e a covardia dos médicos e seu medo das reações provocadas pelos remédios eficazes.
Eis alguns dos analgésicos que os médicos orientais usam contra as doenças familiais, nacionais e religiosas;
Um marido e sua mulher se desentendem por motivos vitais. Brigam e se separam. Mas um dia e

uma noite depois, reúnem-se as famílias dos dois cônjuges e trocam idéias antiquadas e sentimentos enfeitados e decidem restabelecer a paz entre os esposos. Chamam a mulher e dirigem à sua sensibilidade preleções fingidas, que a constrangem e não a convencem. Depois, chamam o marido e enchem-lhe a cabeça de dizeres e provérbios repletos de enredos, que abalam sua vontade sem mudar suas convicções.

Assim se restabelece a paz — a paz provisória — entre os esposos em conflito. Voltam a viver sob o mesmo teto, apesar de suas divergências, até que desapareça o efeito do analgésico. O homem manifesta então novamente sua revolta e a mulher, sua infelicidade. Mas, nesta ocasião, os que fizeram a paz a primeira vez voltam a refazê-la. E quem toma um primeiro analgésico deseja outros.

Revoltam-se as vítimas de um governante tirânico ou de um regime dissoluto e constituem uma associação para promover a liberdade e as reformas. Pronunciam discursos corajosos, publicam atraentes programas de ação, elegem diretores e representantes. Mas logo em seguida, as Autoridades prendem o presidente da Associação ou lhe oferecem um posto governamental. E não mais se ouve falar da Associação — cujos membros tomaram os analgésicos tradicionais e voltaram à apatia e ao sono.

Desobedece uma comunidade religiosa ao seu chefe por motivos fundamentais, e critica-lhe o comportamento e o ameaça de cisma. Mas logo

após, ouvimos dizer que os notáveis do país afastaram o mal-entendido entre o pastor e o rebanho e restabeleceram — graças a alguns analgésicos mágicos — a respeitabilidade do chefe e a obediência dos súditos.

Queixa-se um oprimido de algum opressor poderoso, e imediatamente recebe de seu vizinho um conselho analgésico: "Cala-te. Pois o olho que desafia a flecha é vazado."

Duvida um camponês da piedade dos monges e da sua sinceridade, e recebe de algum colega este conselho analgésico: "Cala-te. Não leste no Evangelho: 'Ouvi seu ensinamento, e não imiteis seu comportamento.'"

Recusa-se um aluno a decorar as teorias gramaticais dos Bassoritas e Kufitas, e recebe de seu professor outro analgésico: "Os indolentes inventam desculpas piores do que a própria culpa."

Revolta-se uma jovem contra as tradições dos mais velhos e ouve sua mãe dizer-lhe: "A filha não é melhor que sua mãe. O caminho que eu segui, terás que seguir."

Indaga um estudante sobre o sentido dos mistérios religiosos, e ouve o padre responder-lhe: "Quem não usa o olho da fé nada vê neste mundo senão bruma e fumaça."

Assim desfilam os dias e as noites, enquanto o oriental vive estendido sobre sua cama macia. Acorda um minuto, depois volta a dormir durante anos sob o efeito dos analgésicos. E se um reformador se levanta e grita para despertar os adormecidos, estes abrem pálpebras pesadas e

dizem entre dois bocejos: "Que moço antipático! Não dorme, e não deixa ninguém dormir." Depois, fecham novamente os olhos e sussurram aos ouvidos de suas almas: "É um herético que vicia o caráter da juventude e procura destruir os monumentos erguidos pelos séculos e lança contra a Humanidade arcos envenenados."

Perguntei muitas vezes à minha alma se sou um dos despertos indóceis que recusam os analgésicos e as anestesias, ou se sou vítima de ilusões. E minha alma me respondia com palavras vagas e equívocas. Mas quando ouvi os outros amaldiçoarem meu nome e temerem meus princípios, convenci-me de que sou mesmo um desperto, e que a vida me pôs num dos seus caminhos onde brotam tanto as flores como os espinhos, e onde passam os lobos e os rouxinóis.

Se o despertar fosse uma virtude, a delicadeza me impediria de vangloriar-me dele. Mas o despertar não é uma virtude. É um estado estranho em que se encontram de repente alguns indivíduos isolados, sob o efeito de forças invisíveis e respeitáveis.

Amanhã, os escritores e pensadores lerão o que precede e dirão com aborrecimento: "Ele é um extremista. Olha para o lado sombrio da vida e só vê trevas. Quantas vezes já chorou e gemeu sobre nós!"

A esses censores, respondo: "Choro e lamento-me sobre o Oriente porque dançar diante de um ataúde é loucura.

"Choro sobre os orientais porque quem ri dos doentes é estúpido.

"Choro sobre aquela região amada porque quem canta diante da desgraça é um cego.
"Sou extremista porque quem é moderado na proclamação da verdade, proclama somente a metade da verdade e deixa a outra metade velada pelo medo do que o mundo dirá.
"Quem critica meu extremismo e minhas atitudes e minhas lamentações que me indique, entre os orientais, um só juiz justo, um só legislador íntegro, um só chefe religioso fiel aos seus próprios ensinamentos, um só marido que olha para sua mulher como olha para si mesmo."

NÓS E VÓS

Nós somos filhos da melancolia, e vós sois filhos das alegrias.
Somos filhos da melancolia, e a melancolia é a sombra de um deus que se recusa a habitar na vizinhança dos corações empedernidos. Temos a alma triste, e a tristeza é grande demais para ser contida nas almas pequenas. Choramos e gememos, ó homens alegres, e quem se lava uma vez nas próprias lágrimas permanece puro até a consumação dos séculos.
Vós não nos conheceis. Mas nós vos conhecemos. Movei-vos, velozes, com a correnteza do rio da vida, sem olhar para nós. Mas nós, sentados na margem, vos vemos e ouvimos. Vós não ouvis nossos gritos porque o barulho dos dias enche vossos ouvidos; mas nós ouvimos vossas canções porque o murmúrio das noites afinou nosso

ouvido. Nós vos vemos porque estais sentados na luz escura, mas vós não nos vedes porque estamos sentados na escuridão luminosa.
Somos os filhos da melancolia. Somos os profetas e os poetas e os músicos. Tecemos com os fios de nossos corações as vestimentas dos deuses, e enchemos com as sementes de nossos corações as mãos dos anjos. E vós — vós, os filhos do sono das alegrias e do despertar das dissipações — vós depositais vossos cora¬ções nas mãos do vácuo porque as mãos do vácuo são macias, e vos confortais na companhia da ignorância porque a casa da ignorância não tem um espelho que reflita vossos rostos.
Nós gememos, e com nossos gemidos se eleva o murmúrio das flores e das árvores e dos arroios. E vós rides, e o crepitar de vosso riso mistura-se com a trituração dos crânios e o tilintar das cadeias e o ulular do abismo.
Nós choramos, e nossas lágrimas se vertem no coração da vida, como o orvalho cai das pálpebras da noite no coração da aurora. E vós sorrides, e dos cantos de vossas bocas sorridentes corre a ironia, como o veneno da cobra corre da sua mordedura.
Nós choramos porque ouvimos o gemido dos pobres e os gritos do oprimido. E vós rides porque só ouvis o tocar das taças.
Nós choramos porque nossas almas são separadas de Deus por nossos corpos; e vós rides porque vossos corpos acham conforto na sua adesão à terra.

Nós somos filhos da melancolia, e vós, filhos das alegrias. Vamos expor à luz do sol os feitos de nossa melancolia e de vossas alegrias.
Vós construistes as pirâmides com os crânios dos escravos; e as pirâmides estão ali sentadas na areia a falar aos séculos de nossa imortalidade e de vosso aniquilamento. E nós destruímos a Bastilha com os braços de homens livres, e a Bastilha é uma palavra que os povos repetem, abençoando-nos e amaldiçoando-vos.
Vós elevastes os jardins suspensos da Babilônia sobre os corpos dos fracos e construistes os palácios de Nínive sobre os túmulos dos deserdados, e eis que Babilônia e Nínive são como as marcas que os pés dos camelos deixam na areia do deserto. E nós esculpimos a estátua de Astarte no mármore, e fizemos a frieza do mármore vibrar e seu mutismo falar. E tocamos nas cordas da lira, e as cordas da lira trouxeram as almas dos enamorados que esvoaçam no espaço; e pintamos a figura de Maria com traços e cores; e os traços se assemelharam aos pensamentos dos deuses, e as cores, aos sentimentos dos anjos.
Vós procurais os divertimentos, e os divertimentos já dilaceraram um milhar de milhares de mártires nas arenas de Roma e Antioquia. E nós procuramos a quietude, e os dados da quietude teceram a Ilíada, o livro de Jó, e tantos poemas sublimes. Vós dormis no leito das paixões, e as tempestades das paixões já arrastaram mil procissões de almas de mulheres para o abismo da vergonha e do vício. E nós nos apegamos à solidão, e à sombra da solidão nasceram as

Mualakats e Hamlet e a Divina Comédia. Vós freqüentais as ambições, e as espadas das ambições já verteram rios de sangue; e nós freqüentamos a visão, e a visão faz descer o saber do círculo da luz celestial.
Somos filhos da meloncolia, e sois filhos das alegrias. E, entre nossa melancolia e vossas alegrias, estendem-se vales estreitos e íngremes, que nem vossas cavalgaduras de raça, nem vossos coches de luxo podem atravessar.
Temos pena de vossa pequenez, e vós odiais nossa grandeza. E entre nossa pena e vosso ódio, o tempo para indeciso.
Nós nos aproximamos de vós como amigos e vós nos agredis como inimigos, E entre a amizade e a inimizade se estende um abismo cheio de lágrimas e de sangue.
Nós edificamos palácios para vós, e vós cavais túmulos para nós. E entre o esplendor dos palácios e as trevas dos túmulos, a Humanidade caminha com pés de ferro.
Nós cobrimos vossos caminhos com rosas, e vós cobris nossos leitos com espinhos, e entre as pétalas das rosas e os seus espinhos, a verdade dorme num sono profundo
Desde o início, combateis nossas forças amenas com vossa fraqueza rude. Quando nos derrotais por uma hora, alegrais-vos e gritais como rãs; e quando vos derrotamos por um século, mantemo-nos silenciosos como os gigantes. Crucificastes o Nazareno e ristes dele, e blasfemastes contra ele. Mas quando se esgotou aquela hora, Ele desceu da sua cruz e caminhou como um super-homem,

dominando os séculos com o espírito e a verdade, e enchendo o mundo com sua beleza e glória.
Matastes Sócrates com veneno e apedrejastes Paulo, e apunhalastes Ali Ibn Abitaleb e degolastes Midhat Paxá. E todos eles vivem agora como heróis, vencedores diante da face da eternidade; e vós sois lembrados pela Humanidade como cadáveres que não encontram quem os enterre na noite do esquecimento e do vácuo.
Nós somos filhos da melancolia, e a melancolia são nuvens que chovem bens e saber; e vós sois filhos dos divertimentos, e seja a que altura subam vossos divertimentos, permanecerão como colunas de fumaça que os ventos dissipam.

JESUS CRUCIFICADO

Hoje, e em cada Sexta-Feira Santa, a Humanidade acorda de seu sono profundo e, de pé ante as sombras dos séculos, olha através das lágrimas o Monte do Gólgota para ver Jesus crucificado em sua cruz... Mas assim que o sol se põe, a Humanidade volta a ajoelhar-se perante os ídolos que se erguem sobre todos os montes.
Hoje, guiadas pela recordação, as almas dos cristãos dirigem-se de todos os cantos do mundo às cercanias de Jerusalém para contemplar uma sombra coroada de espinhos, que estende os braços até o infinito e penetra, através do véu da morte, as profundezas da vida. Mas, mal o manto da noite tenha descido sobre o palco do dia, os cristãos voltam a deitar-se à sombra do

esquecimento, embalados pela ignorância e a indolência.
Hoje, e em cada Sexta-Feira Santa, os filósofos abandonam suas grutas escuras, os pensadores, seus eremitérios frios, e os poetas, seus vales de quimeras, para se reunirem numa alta montanha e escutarem, calados e reverentes, um jovem dizer de seus assassinos: "Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem". Mas, mal a quietude tenha apagado os ruídos do dia, os filósofos, pensadores e poetas voltam a envolver suas almas nas mortalhas de livros gastos.
As mulheres distraídas pelo brilho da vida, apaixonadas por jóias e vestidos, saem hoje de suas casas para ver a mulher dolorida, de pé frente à cruz como uma árvore flexível frente às tempestades do inverno.
Os jovens e as jovens que se deixam levar pela corrente da vida sem saber aonde vão, param hoje um instante para contemplar a Madalena lavando com suas lágrimas o sangue que mancha os pés do homem erguido entre a terra e o céu.
Mas, quando se cansam desse espetáculo, desviam os olhos e continuam seu caminho entre risadas.
Num dia como este, todos os anos, a Humanidade acorda com o despertar da primavera e chora pelos sofrimentos de Cristo; mas, depois, fecha os olhos e se entrega a um sono profundo.
A Humanidade é uma mulher que se deleita em se lamentar sobre os heróis dos séculos. Se fosse homem, regozijar-se-ia pela sua grandeza e suas glórias.

A Humanidade vê Jesus o Nazareno nascendo e vivendo como um pobre, ofendido como um fraco, crucificado como um criminoso e chora-o e lamenta-o. E é tudo o que ela faz.

Há dezenove séculos que os homens adoram a fraqueza na pessoa de Jesus, conquanto Jesus fosse um forte. Mas eles não compreendem o sentido da verdadeira força.

Jesus não viveu como um covarde, nem morreu sofrendo e queixando-se. Viveu como um revolucionário, e foi crucificado como um rebelde, e morreu como um herói.

Não era Jesus um pássaro de asas partidas, mas uma tempestade violenta que quebra com sua força todas as asas tortas.

Jesus não veio de além do horizonte azul para fazer da dor o símbolo da vida, mas para fazer da vida o símbolo da verdade e da liberdade.

Jesus não receou seus perseguidores, e não temeu seus inimigos, e não sofreu nas mãos de seus executores, mas era livre à face de todos, audacioso para com a injustiça e a tirania: quando via tumores pútridos, puncionava-os; quando ouvia o mal falar, impunha-lhe silêncio; quando encontrava a hipocrisia, esmagava-a.

Jesus não desceu do mundo da luz para destruir as nossas casas e, com suas pedras, construir conventos e eremitérios. Não veio para tirar os homens fortes de suas ocupações e fazer deles monges e padres. Mas veio para insuflar na atmosfera deste mundo uma alma nova e forte que destrói, até as fundações, os tronos elevados sobre os crânios, e desmantela os palácios

erguidos sobre os túmulos, e derruba os ídolos impostos aos espíritos fracos dos humildes.
Jesus não veio ensinar aos homens a elevar igrejas suntuosas ao lado de casebres miseráveis e de habitações frias e escuras, mas veio para fazer do coração do homem um templo, e de sua alma um altar, e de sua mente um sacerdote.
Eis o que Jesus o Nazareno fez, e eis os princípios que pregou e pelos quais se deixou crucificar por sua própria vontade. E se os homens fossem mais penetrantes, celebrariam a data de hoje com alegria, e risos, e canções de vitória e de triunfo.
E tu, gigante crucificado, que olhas do alto do Gólgota a caravana dos séculos, que ouves o tumulto dos povos, que compreendes os sonhos da eternidade, tu és, sobre tua cruz manchada de sangue, mais majestoso e mais soberbo que mil reis com mil tronos e mil reinos. E tu és, entre a agonia e a morte, mais poderoso e mais temível que mil generais com mil exércitos e mil troféus.
Tu és, na tua melancolia, mais alegre que a primavera com suas flores. Tu és, nas tuas dores, mais sereno que os anjos em seu paraíso. Tu és, na mão dos carrascos, mais livre que a luz do sol.
A coroa de espinhos em tua cabeça é mais formosa e mais augusta que a coroa de Buhram, e o prego na palma de tua mão é mais imponente que o cetro de Muchtary. E as gotas de sangue que correm em teus pés são mais brilhantes que as jóias de Astarte.
Perdoa, pois, a esses fracos que se lamentam sobre ti, em vez de se lamentarem sobre si mesmos. Perdoa- lhes porque não sabem que

venceste a morte pela morte, e deste vida aos que estão nos túmulos.

O POETA DE BAALBECK

1. Na Cidade de Baalbeck, no Ano 112 Antes de Cristo

Sentou-se o Emir no seu trono de ouro, decorado por lâmpadas e incensórios. À sua direita e esquerda, sentaram-se os generais e os sacerdotes; e diante dele, os soldados e servos mantiveram-se em pé como ídolos diante do sol.
Momentos depois, pararam os cantores de cantar, e o Primeiro Ministro levantou-se e disse numa voz trêmula de ancião:
— Poderoso Emir, chegou ontem a esta cidade um dos sábios da Índia. Prega doutrinas estranhas de que nunca ouvimos falar, como a transmigração das almas. Diz ele que as almas voltam geração após geração em corpos diferentes, até que atinjam a perfeição e se elevem ao nível dos deuses. E pede para ser apresentado a vós para vos expor suas idéias.
Abanou o Emir a cabeça e disse com um sorriso:
— Do país da Índia chegam as curiosidades e os milagres. Mandai-o entrar, e ouçamos seus argumentos.
Logo em seguida, entrou um homem idoso, moreno, imponente, de olhos grandes e traços descontraídos que anunciavam, antes das palavras, segredos profundos e doutrinas

estranhas. Após inclinar-se e pedir permissão para falar, ergueu a cabeça, e seus olhos brilharam, e começou a expor a sua doutrina. Sustentou que as almas passam de um corpo para outro, evoluindo sob o efeito de circunstâncias por elas escolhidas, e de glórias por elas merecidas, e crescendo através das alegrias e sofrimentos do amor. Descreveu como as almas mudam de um lugar para outro, à procura do aperfeiçoamento, e como expiam numa vida crimes cometidos em vidas anteriores, e como ceifam num país o que semearam em outro país.

Havendo o sábio prolongado por demais suas explicações, o cansaço e o enfado se manifestaram sobre o semblante do Emir. O Primeiro Ministro aproximou-se do sábio e sussurrou-lhe que deixasse o resto para outra oportunidade.

Recuou então o sábio e sentou-se entre os sacerdotes, e seus olhos se fecharam, cansados de fitar os mistérios da existência.

Após um silêncio similar ao êxtase dos profetas, olhou o Emir à direita e à esquerda e perguntou: "Onde está nosso poeta? Há tempos que não o vemos... Que lhe terá acontecido? Assistia às nossas audiências todas as noites."

Respondeu um dos sacerdotes: "Vi-o a semana passada sentado no templo de Astarté e fitando o horizonte com olhos parados e melancólicos, como se tivesse perdido nas nuvens um dos seus poemas."

Disse um dos capitães: "Vi-o ontem no parque dos ciprestes e dos salgueiros; saudei-o, mas ele não

me saudou e permaneceu imerso no mar de suas meditações."
Disse o chefe dos eunucos: "Encontrei-o hoje no pátio do palácio, pálido e abatido. Havia lágrimas nos seus olhos e suspiros em sua garganta."
Ordenou o Emir com manifesto interesse: "Procurai-o e trazei-o; estamos preocupados com ele."
Saíram os escravos e os soldados à procura do poeta. O Emir e seus conselheiros permaneceram silenciosos e assombrados. Suas almas sentiam a presença de uma sombra invisível.
Após um momento, voltou o chefe dos eunucos e jogou-se aos pés do Emir, qual um pássaro atingido pela flecha do caçador, e disse, trêmulo: "Encontramos o poeta morto no pátio do palácio."
Deixou o Emir seu trono, perturbado, e foi ao pátio, precedido pelos carregadores de tochas e seguido por soldados e sacerdotes. No limiar do parque, por baixo das amendoeiras, a luz amarela das tochas mostrou-lhes um corpo inanimado, estendido na grama como uma rosa murcha.
Disse um cortesão: "Olhai como abraçou sua lira, como se fosse sua enamorada a quem o liga um pacto sagrado."
Disse um capitão: "Ele continua a fitar as estrelas à procura de um deus desconhecido."
Disse o chefe dos sacerdotes: "Amanhã enterrá-lo-emos à sombra do templo de Astarté, e os habitantes da cidade seguirão seu caixão, os jovens cantando e as virgens lançando flores. Era um grande poeta. Devemos honrá-lo com um enterro digno dele."

Abanou o Emir a cabeça sem tirar os olhos do rosto do poeta, velado pela morte, e disse pausadamente: "Não, não. Desprezamo-lo na vida quando enchia a terra de criações misteriosas e de perfume. Se o honrarmos na morte, os deuses zombarão de nós, e também as ninfas dos prados e dos vales. Enterrai-o aqui mesmo onde exalou a alma e deixai sua lira nos seus braços. E se alguém entre vós o quiser honrar, que volte para casa e conte aos seus filhos que o Emir desprezou seu poeta, e ele morreu melancólico, isolado e abandonado."
Depois, olhou em volta de si e perguntou: "Onde está o sábio hindu?"
Adiantou-se o sábio.
Disse o Emir: "Dize-me, dize-me, ó sábio, os deuses me devolverão a esta terra como Emir e o devolverão como poeta? E voltará ele para rimar a existência mais uma vez, e voltarei para lhe alegrar o coração e cumulá-lo de dádivas e honrarias?"
Respondeu o filósofo, e disse: "Tudo o que as almas almejam, as almas alcançarão. A lei que devolve o esplendor da primavera após o inverno, vos devolverá, um Príncipe glorioso, e o devolverá, um grande poeta."
Alegraram-se os traços do Emir, e sua alma se vivificou; depois, voltou ao seu palácio, rememorando as palavras do sábio hindu, e repetindo: "Tudo o que as almas almejam, as almas alcançarão."

2. No Cairo, Egito, no Ano 1912 Após Cristo

Levantou-se a lua e estendeu seu manto de prata sobre a cidade. O Emir estava sentado no balcão de seu palácio, fitando o firmamento límpido, meditando sobre os acontecimentos dos séculos, interpretando os feitos dos reis e dos conquistadores que passaram diante da majestade da Esfinge, imaginando as procissões dos povos entre as pirâmides e o palácio de Abidin.

Quando o círculo de seus pensamentos se tinha completado, virou-se para seu companheiro e disse-lhe: "Nossa alma esta noite tem saudade da poesia. Recita-nos algum poema."

Inclinou-se o companheiro e começou a declamar um poema de um poeta pré-islâmico. Interrompeu-o o Emir, dizendo: "Declama algo mais recente."

Inclinou-se o companheiro novamente e começou a declamar um poema do século da Transição. Interrompeu-o o Emir de novo, e disse: "Mais recente... mais recente."

Inclinou-se o companheiro pela terceira vez, e começou a declamar um poema andaluz.

Diz o Emir: "Declama algo de um poeta contemporâneo."

Passou o companheiro a mão sobre a testa, procurando lembrar-se de tudo o que foi composto pelos poetas do século; depois, seus olhos brilharam, seu rosto iluminou-se, e ele começou a declamar versos cheios de imagens e sedução, de pensamentos delicados e aliterações inéditas.

O Emir amou os versos e sentiu mãos invisíveis levá-lo daquele lugar para um lugar distante. Perguntou: "De quem são esses versos?"

Respondeu o companheiro: "Do poeta de Baalbeck.'"
O poeta de Baalbeck! Palavras estranhas que ondularam no ouvido do Emir e despertaram na sua alma ecos de aspirações indistintas e desejadas.
O poeta de Baalbeck: nome antigo e novo que devolveu à alma do Eniir imagens de dias esquecidos, e despertou no seu coração sombras de lembranças adormecidas, e desenhou perante seus olhos, com traços similares às formas do nevoeiro, a imagem de um moço morto, apertando uma lira nos braços, e cercado por sacerdotes, chefes militares e ministros.
Depois, apagou-se esta visão do olhar do Emir como se desvanecem os sonhos quando chega a madrugada. Levantou-se e caminhou, os braços cruzados e os lábios murmurando as palavras do Profeta árabe: "Éreis mortos, e Ele vos ressuscitou; e Ele vos mata, e vos ressuscitará outra vez, e a Ele voltareis."
Virou-se para o companheiro e disse: "Alegra-nos a presença do poeta de Baalbeck em nosso país. Honrá-lo-emos e festejá-lo-emos." Após um minuto, acrescentou em tom mais baixo: "O poeta é um pássaro estranho. Deixa os espaços celestiais e vem cantar neste mundo. Se não o honrarmos, abre as asas e volta para sua pátria."
E quando a noite findou, e o espaço retirou sua vestimenta decorada de estrelas, e vestiu sua roupa tecida como a luz do dia, a alma do Emir flutuava ainda entre os mistérios da vida.

ATRÁS DO VÉU

À meia-noite, Raquel abriu os olhos e fixou por um momento o teto do quarto. Depois, fechou-os e exalou gemidos entrecortados, e, com uma voz próxima da respiração, disse: "A aurora já atingiu o limiar do vale. Vamos ao seu encontro."

Aproximou-se então o padre e pegou-lhe a mão e achou-a gelada como a neve. Auscultou-lhe o coração, e achou-o imóvel como os séculos. Inclinou a cabeça; e seus lábios tremeram com se quisesse pronunciar uma palavra celestial que as sombras da noite repetiriam naquele vale isolado e inabitado.

Fez o sinal da cruz sobre o peito da mulher e virou-se para o homem sentado num canto escuro daquele quarto, e disse-lhe com compaixão: "Tua mulher foi encontrar-se com Deus. Ajoelha-te, meu irmão, e reza comigo."

Alteraram-se os traços do homem, e seus olhos se alargaram. Aproximou-se mansamente do leito de sua mulher e ajoelhou-se ao lado do padre a chorar e orar ao mesmo tempo, fazendo uma vez ou outra o sinal da cruz sobre o rosto e o peito.

Ergueu-se o padre, pôs a mão no ombro do homem, e disse-lhe:

"Levanta-te, meu irmão. Vai ao outro quarto. Precisas descansar e dormir."

Obedeceu o homem e passou ao quarto contíguo e estendeu-se sobre uma cama estreita e dormiu imediatamente, exausto pela vigília e as preocupações.

Quanto ao padre, permaneceu ereto como uma estátua no meio daquele quarto, fitando o corpo inanimado da mulher, com olhos cheios de lágrimas, e vigiando o marido adormecido no quarto oposto.

Passou-se uma hora, longa como séculos e terrível como a morte. O padre permanecia em pé entre um homem e uma mulher que dormiam — ele, como dormem os campos à espera da primavera, e ela, como dormem os séculos à sombra da eternidade.

Em seguida, aproximou-se do leito da moça e ajoelhou-se diante dela como diante do altar, e apanhou-lhe a mão fria e colou-a contra seus lábios trêmulos e olhou longamente o rosto recoberto pela sombra da morte; e, com uma voz tranqüila como a noite, profunda como o mar, trêmula como as esperanças humanas, disse:

"Raquel, Raquel, irmã da minha alma, ouve-me. Agora, já posso falar. A morte abriu meus lábios para que te revelem meu segredo. Ouve o grito de minha alma, ó alma que esvoaça entre a terra e o infinito. Ouve o moço que, quando voltavas dos campos, escondia-se entre as árvores por medo da beleza de teu rosto. Ouve o sacerdote dedicado a Deus: ele te chama agora sem receio, pois já atingiste a cidade de Deus."

Murmurou essas palavras e inclinou-se sobre ela e beijou-lhe os lábios e o pescoço — e foram beijos longos, silenciosos, fervorosos, que revelavam o amor e a dor.

Depois, recuou bruscamente e jogou-se ao chão, sacudido pelo arrependimento; e, cobrindo o rosto com as mãos, acrescentou:
"Perdoa meu pecado, ó Deus. Perdoa minha fraqueza. Não consegui dominar-me até o fim. O segredo que a vida escondeu no meu coração durante sete anos, a morte o revelou num minuto. Deus, perdoa-me, perdoa minha fraqueza..."
Permaneceu assim sofrendo e gemendo, o olhar desviado da moça por medo de si mesmo, até que chegou a manhã e estendeu seu manto cor de rosa sobre essas cenas terrestres, representadas pelo amor, a religião, a vida e a morte.

O POETA

Sou um estrangeiro neste mundo.
Sou um estrangeiro, e há na vida do estrangeiro uma solidão pesada e um isolamento doloroso. Sou assim levado a pensar sempre numa pátria encantada que não conheço, e a sonhar com os sortilégios de uma terra longínqua que nunca visitei.
Sou um estrangeiro para meus parentes e amigos. Quando encontro um deles, penso: "Quem é ele? Onde o encontrei? Que me une a ele? Por que me aproximo dele e o freqüento?"
Sou um estrangeiro para minha alma. Quando minha língua fala, meu ouvido estranha-lhe a voz. Quando meu Eu interior ri ou chora, ou se entusiasma, ou treme, meu outro Eu estranha o que ouve e vê, e minha alma interroga minha

alma. Mas permaneço desconhecido e oculto, velado pelo nevoeiro, envolto no silêncio.
Sou um estrangeiro para meu corpo. Todas as vezes que me olho num espelho, vejo no meu rosto algo que minha alma não sente, e percebo nos meus olhos algo que minhas profundezas não reconhecem.
Quando caminho nas ruas da cidade, os meninos me seguem, gritando: "Eis o cego, demos-lhe um cajado que o ajude." Fujo deles. Mas encontro outro grupo de raparigas que me seguram pelas abas da roupa, dizendo: "É surdo como a pedra. Enchamos seus ouvidos com canções de amor e desejo." Deixo-as correndo. Depois, encontro um grupo de homens que me cercam, dizendo: "É mudo como um túmulo, vamos endireitar-lhe a língua." Fujo deles com medo. E encontro um grupo de velhos que apontam para mim com dedos trêmulos, dizendo: "É um louco que perdeu a razão ao freqüentar as fadas e os feiticeiros."
Sou um estrangeiro neste mundo.
Sou um estrangeiro, e já percorri o mundo do Oriente ao Ocidente sem encontrar a minha terra natal, nem quem me conheça ou se lembre de mim.
Acordo pela manhã, e acho-me prisioneiro num antro escuro, freqüentado por cobras e insetos. Se sair à luz, a sombra de meu corpo me segue, e as sombras de minha alma me precedem, levando-me aonde não sei, oferecendo-me coisas de que não preciso, procurando algo que não entendo. E quando chega a noite, volto para casa e deito-me

numa" cama feita de plumas de avestruz e de espinhos dos campos.
Idéias estranhas atormentam minha mente, e inclinações diversas, perturbadoras, alegres, dolorosas, agradáveis. À meia-noite, assaltam-me fantasmas de tempos idos. E almas de nações esquecidas me fitam. Interrogo-as, recebendo por toda resposta um sorriso. Quando procuro segurá-las, fogem de mim e desvanecem-se como fumaça.
Sou um estrangeiro neste mundo.
Sou um estrangeiro, e não há no mundo quem conheça uma palavra do idioma da minha alma.
Caminho na selva inabitada, e vejo os rios correrem e subirem do fundo do vale ao cume da montanha. E vejo as árvores desnudas se cobrirem de folhas, e florirem, e frutificarem, e perderem suas folhas num só minuto. Depois, suas ramas caem no chão e se transformam em cobras pintalgadas.
E as aves do céu voam, pousam, cantam, gorgeiam e depois param, abrem as asas e viram mulheres nuas, de cabelo solto e pescoços esticados. E olham para mim com paixão e sorriem para mim com sensualidade. E estendem suas mãos brancas e perfumadas. Mas, de repente, estremecem e somem como nuvens, deixando o eco de risos irônicos.
Sou um estrangeiro neste mundo.
Sou um poeta que põe em prosa o que a vida põe em versos, e em versos o que a vida põe em prosa. Por isto, permanecerei um estrangeiro até

que a morte me rapte e me leve para a minha pátria.

ESTRUME PRATEADO

1

Selman Efêndi: homem nos seus 35 anos, corpo delgado, roupa elegante, bigodes de pontas levantadas, sapatos brilhantes. Fuma cigarros caros, carrega uma bengala incrustada com pedras preciosas, frequenta os restaurantes freqüentados pelos aristocratas, locomove-se no seu coche de luxo puxado por dois cavalos de raça.
Selman Efêndi não herdou riquezas de seu pai. Pois seu pai era um homem humilde e pobre. Nem se dedicou ao trabalho e ao comércio para neles fazer fortuna, pois detesta o trabalho e considera-o humilhante. Uma vez ouvimo-lo declarar: "Meu corpo e meu temperamento não me ajudam a trabalhar. O trabalho é feito para as mentes densas e os corpos rudes."
Então, como conseguiu Selman Efêndi tanto dinheiro?
Eis um dos segredos do Estrume Prateado, que Satanás nos revelou e que vos revelamos por nossa vez:

Há cinco anos, Selman Efêndi casou-se com D. Fahima, viúva de Butros Neman, o comerciante que se tornou célebre por sua dedicação e honestidade. D. Fahima tinha então 45 anos de idade física e 16 anos de idade mental e sentimental. Ainda hoje, pinta-se e cuida de si como uma boneca, mas não vê Selman Efêndi antes da meia noite. E raramente consegue dele algo mais do que palavras ásperas e olhares severos. Ele está distraído dela pela tarefa de dissipar a fortuna que o seu primeiro marido juntou ao preço de tantos esforços e sacrifícios.

2

Adib Efêndi: um homem nos seus 27 anos, nariz grande, olhos pequenos, rosto sujo, dedos marcados de tinta, unhas imundas. Roupa mal ajeitada, descuidada, manchada. Não resultam essas manifestações deprimentes da necessidade ou da pobreza, mas da negligência e da preocupação do seu dono com os problemas transcendentais da metafísica e da teologia.
Ouvimo-lo declarar, citando Amim Al-Jundi: "A mente não pode dedicar-se a duas coisas." Queria dizer que o literato não pode dedicar-se ao mesmo tempo às atividades culturais e aos cuidados de sua pessoa.
Adib Efêndi fala muito, fala sempre. Menospreza tudo, mas tem o culto da palavra. Soubemos que passou dois anos a estudar a retórica num colégio de Beirute e que tem composto poemas e escrito

tratados, recusando-se, porém, a publicá-los, em vista (diz ele) da decadência do jornalismo árabe e da estupidez dos leitores!

Dedica-se Adib Efêndi atualmente aos mistérios da filosofia antiga e moderna, pois admira ao mesmo tempo Sócrates e Nietzsche, Santo Agostinho e Voltaire. Encontramo-lo certa vez numa festa de bodas a discursar sobre Hamlet, enquanto os convivas cantavam, comiam e dançavam! Outra vez encontramo-lo num enterro, falando dos cantos do vinho de Abu-Nauas, enquanto que, em volta dele, a família chorava o defunto.

Que vale, pois, a vida de Adib Efêndi? E por que passa seus dias e noites em meio a livros antigos e manuscritos gastos? Por que não compra um burro e se faz um burriqueiro útil?

Eis um dos segredos do Estrume Prateado. Foi-nos revelado, e nós vo-lo revelamos por nossa vez:

Há 3 anos, Adib Efêndi compôs um panegírico em homenagem ao bispo luhana Chamum e declamou- o na residência de Habib Bei Seluan. Após a declamação, o bispo se aproximou de Adib Efêndi, pôs a mão sobre seu ombro e disse-lhe com um sorriso: "Muito bem, meu filho, muito bem. Que eloqüência e que inteligência! Orgulho-me de ti, e não duvido de que serás um dos grandes homens do Oriente."

Desde então, o pai, o tio materno e o tio paterno de Adib Efêndi olham-no com idolatria e falam dele com orgulho, dizendo:

— Não disse o bispo luhana Chamum que ele será um dos grandes homens do Oriente?

3

Farid Bei Deaibês: um homem de uns quarenta anos, alto, de cabeça pequena e calva, fronte larga e boca grande. Anda com majestade, dando a seus passos um peso especial, tal um camelo carregando um palanquim. E quando fala com sua voz possante e seu estilo pomposo, quem não o conhece o tomaria por um ministro de Estado, ocupado em governar o país e orientar o destino do povo.

Farid Bei não tem outra ocupação a não ser participar de festas e reuniões e falar das glórias de sua família e da nobreza de suas origens.

Gosta também de narrar os feitos dos conquistadores, desde Antar até Napoleão; e tem uma paixão pelas armas, das quais possui uma coleção de valor, embora não as saiba usar.

Emite sentenças solenes, tais como: "Os homens nasceram divididos em classes: uns para servir, outros para serem servidos." "O povo é como uma mula cabeçuda. Só obedece a quem sabe montá-la." "A caneta é para os fracos, a arma para os fortes."

O que explica tanta pomposidade e arrogância em Farid Bei?

Eis um dos seguedos do Estrume Prateado. Foi-nos revelado por Satanaiel, e nós vo-lo revelamos por nossa vez:

No primeiro terço do Século XIX, quando o Emir Bachir cruzava com seus homens os vales do Líbano, passou na aldeia habitada por Mansur

Deaibês, o avô de Farid Bei Deaibês. O sol estava muito quente. O Emir e seus homens desceram de suas cavalgaduras e se sentaram para descansar à sombra de um carvalho.
Mansur Deaibês, informado, reuniu seus vizinhos e foram todos ao encontro do Emir, carregando bandejas de figos, uvas, vinho e mel.
Quando chegaram, adiantou-se Mansur Deaibês e beijou a fímbria da roupa do Emir, depois degolou um carneiro e gritou: "Eis um fruto da generosidade de nosso amo, fonte de nossa prosperidade."
O Emir ficou satisfeito e disse a Mansur Deaibês: "De hoje em diante, será o xeque desta aldeia, sob a minha proteção. E durante 12 meses, esta aldeia será isenta de impostos.
Naquela noite, todos os aldeões se reuniram na casa de Mansur Deaibês e proclamaram-no seu chefe, e juraram-lhe obediência no bem e no mal — Deus tenha piedade de suas almas!
O Estrume Prateado tem muitos outros segredos que os demônios proclamam a cada dia e noite. E nós vo-los revelaremos sem exceção, antes que o destino nos leve para o outro lado do horizonte azul. Mas agora, já é meia-noite, e as asas do sono estão sobre nós. Permiti-nos, pois, ir dormir. Talvez as fadas dos sonhos levem nossas almas a um mundo mais limpo do que este.

ANTES DO SUICÍDIO

Neste quarto isolado e quieto, sentou-se ontem a mulher que meu coração amou.
Sobre estas macias almofadas cor de rosa, apoiou sua linda cabeça. Desta taça de cristal, bebeu um gole de vinho, misturado com uma gota de essência de rosas.
Tudo isto era ontem, e ontem é um sonho que não voltará mais. Hoje, a mulher que meu coração amou foi-se para uma terra distante, deserta, fria, chamada terra da solidão e do esquecimento.
As marcas dos dedos da mulher que meu coração amou estão ainda visíveis no cristal do meu espelho, e o perfume de seu hálito se detém nas dobras da minha roupa, e o eco de sua voz se repete nos cantos da minha casa. Mas a mulher, ela mesma — a mulher que meu coração amou — emigrou para uma terra distante, chamada a terra do abandono e do esquecimento. E amanhã, abrirei minhas janelas, e as ondas do vento entrarão e levarão para sempre tudo o que aquela linda feiticeira deixou neste lugar: o perfume de seu hálito, as sombras de sua alma, o eco de sua voz, as marcas de seus dedos no cristal de meu espelho.
O retrato da mulher que meu coração amou continua pendurado ao lado da minha cama, e as cartas de amor que me escreveu estão ainda na caixa de prata incrustada de coral, e a trança de seu cabelo cor de ouro que me mandou como lembrança é conservada num envelope de seda, perfumado de almíscar e incenso — todas essas lembranças permanecerão no seu lugar até a aurora, e, quando chegar a aurora, abrirei minhas

janelas a fim de que o vento entre e as carregue para as trevas do nada, onde mora a quietude muda.
A mulher que meu coração amou é semelhante às mulheres que vossos corações amaram, ó jovens. É uma criatura estranha. Para talhá-la, usaram os deuses a modéstia da pomba, a mutabilidade da serpente, a vaidade do pavão, a ferocidade do lobo, a beleza da rosa branca, e o terror da noite escura, e um punhado de cinzas, e uma colherada da espuma do mar.
Conheci a mulher que meu coração amou desde a infância. Corria atrás dela nos campos, e segurava a orla de seu vestido nas ruas.
E conheci-a na mocidade. Via a sombra de seu semblante nas páginas dos livros, e reconhecia as curvas de seu corpo nas nuvens do céu, e ouvia sua voz no murmúrio dos arroios.
E conheci-a na idade madura. Conversava com ela, e falava-lhe das dores do meu coração e dos segredos da minha alma.
Tudo isto era ontem. E ontem é um sonho que não voltará mais. Hoje, aquela mulher já se foi para uma terra distante, deserta e fria, chamada a terra da solidão e do esquecimento.
Quanto ao nome da mulher que meu coração amou, é a vida.
A vida é uma mulher formosa e fascinante que atrai nossos corações e enfeitiça nossas almas e envolve nossa existência com promessas: se adiar e diferir, mata a paciência em nós; e se se oferecer, provoca em nós o tédio.

A vida é uma mulher que se banha nas lágrimas de seus enamorados e se perfuma com o sangue de suas vítimas.
A vida é uma mulher que veste a brancura dos dias, forrada, com a negrura das noites.
A vida é uma mulher que aceita o coração humano como amante, e o recusa como marido.
A vida é uma mulher linda, mas perversa; e quem descobre sua perversidade detesta sua beleza.

PALAVRAS E PALAVREADORES

Estou farto das palavras e dos palavreadores.
Minha alma está cansada das palavras e dos palavreadores.
Minha doutrina se perdeu no meio das palavras e dos palavreadores.
Acardo pela manhã, e vejo as palavras sentadas ao meu lado sobre as faces das cartas e dos jornais e das revistas. E elas me lançam olhares cheios de astúcia e fingimento.
Levanto-me e sento-me à janela para libertar meu semblante do véu do sonho com uma xícara de café — e as palavras me seguem e se erguem diante de mim, petulantes, endiabradas, depois estendem a mão para meu café e bebem-no comigo. E se fumar, fumam comigo. E quando paro, param comigo.
Saio para trabalhar, e as palavras me acompanham, um zumbido no meu ouvido e um tumulto no meu cérebre. Tento expulsá-las, mas

elas se riem de mim e voltam a sussurrar e zumbir e tumultuar.
Ando na rua, e vejo palavras em movimento em todas as lojas, e palavras deitadas sobre as paredes de todas as casas. Vejo-as nos semblantes das pessoas, mesmo quando estão silenciosas e quietas, e nos seus movimentos e gesticulações.
Quando me sento para conversar com um amigo, as palavras sentam-se conosco. E se encontrar um inimigo, as palavras se enchem e se espalham e se multiplicam e acabam por formar um exército imenso que se estende de um continente a outro.
Penetro nos tribunais e institutos e escolas, e o que encontro? Palavras, e mais palavras, todas servindo de invólucro para mentiras e astúcias.
Vou à fábrica, ao escritório, à repartição pública, e encontro as palavras em famílias e tribos: umas olhando-me com grosseria e outras rindo e zombando de mim.
E se me sobrar energia e paciência para visitar as igrejas e os templos, lá também encontro as palavras, entronizadas, coroadas, e segurando um cetro finamente lavrado, macio e suave ao tato.
E quando volto à noite para casa, encontro as palavras que ouvi durante o dia penduradas do teto como serpentes, ou circulando nos recantos como escorpiões.
Palavras no espaço e além do espaço. Palavras na terra e sob a terra.
Palavras nas asas do éter e nas ondas do mar e nas florestas e nas grutas e nos cumes das montanhas.

Palavras em toda parte. Aonde pode fugir quem procura a paz?
Haverá neste mundo uma associação dos mudos? Quero juntar-me a ela.
Terá Deus pena de mim e mandar-me-á a surdez para que viva feliz no paraíso da quietude eterna?
Não haverá sobre a face do globo um recanto livre do barulho das línguas e da confusão das línguas, onde as palavras não sejam nem vendidas nem compradas, nem dadas nem tomadas?
Haverá entre os habitantes da terra quem não se adore falando? Haverá entre os filhos de Adão alguém cuja boca não seja um antro para os assaltantes de palavras?
Se os palavreadores fossem de uma só categoria, agüentaríamos e nos conformaríamos. Mas pertencem a inúmeras categorias e classes.
Há os palavreadores-rãs que vivem nos pântanos o dia todo. E quando cai a noite, aproximam-se das margens, levantam a cabeça acima do nível da água e começam a perturbar a quietude com vozes tão horríveis que nenhum ouvido pode suportá-las.
E liá os palavreadores-mosquistos, eles também um produto dos charcos. Esvoaçam à nossa volta, zumbem em nosso ouvido, sem outra finalidade do que a de nos incomodar e irritar.
E há os palavreadores-pedras-de-moinho que produzem o mesmo barulho infernal que as próprias pedras de moinho.
E há os palavreadores-vacas que enchem o estômago de capim e param nas praças públicas e

nas esquinas para carregar o vento com seus mugidos.
E há os palavreadores-corujas que passam o tempo entre os cemitérios dos vivos e os cemitérios dos mortos, prodigalizando sobre ambos seus pios lúgubres.
E há os palavreadores-tambores que batem sobre si mesmos com maças, tirando de suas bocas vazias um som tão inarticulado quanto o dos tambores.
E há os palavreadores-teares que tecem o vento com o vento e permanecem de mentes nuas e sem roupagem.
E há os palavreadores-grilos que, considerando-se os domadores do mundo, como diz o poeta, vão zumbindo em toda parte.
E há os palavreadores-sinos que chamam o povo para o santuário, mas eles próprios ficam fora.
E há muitas outras classes e tribos e categorias de palavreadores.
È agora que mostrei meu menosprezo pelas palavras e os palavreadores, acho-me como um médico doente ou como um criminoso pregando para outros criminosos. Censurei as palavras com palavras. E, querendo fugir dos palavreadores, revelei-me um deles. Quererá Deus me perdoar antes de me transferir para o vale do Pensamento e do Sentimento e da Verdade, onde não há nem palavras nem palavreadores?

NAS TREVAS DA NOITE

Nas trevas da noite, chamamo-nos um ao outro.
Nas trevas da noite, gritamos e apelamos, enquanto a sombra da morte se ergue em nosso meio, e suas asas negras pairam sobre nós, e suas mãos impiedosas empurram nossas almas para o abismo, e seus dois olhos incandescentes fixam o horizonte longínqüo.
Nas trevas da noite, caminha a Morte, e caminhamos atrás dela, temerosos, aflitos; mas ninguém tem a esperança de poder parar.
Nas trevas da noite, caminha a Morte, e caminhamos atrás dela. E cada vez que a Morte olha para trás, milhares de nós caem pelos lados da estrada. E quem cai, dorme, e não acorda mais. E quem não cai, caminha apesar de si mesmo, sabendo que cairá por sua vez, e dormirá com os que dormem. E a Morte continua a caminhar, os olhos fitos no horizonte longínqüo.
Nas trevas da noite, o irmão chama o irmão; o pai chama os filhos; a mãe chama seus bebês. E todos estamos esfomeados, atormentados pela fome. Mas a Morte não tem fome nem sede. Engole nossas almas e nossos corpos, e bebe nosso sangue e nossas lágrimas; mas não se satisfaz nem se sacia.
Na primeira parte da noite, a criança chama a sua mãe, dizendo: "Mamãe, estou com fome." E a mãe lhe responde: "Espera um pouco, filhinho."
Na segunda parte da noite, a criança chama novamente sua mãe: "Mamãe, estou com fome. Dá-me pão.” E a mãe responde: "Não tenho pão, meu filho."

E na terceira parte da noite, a Morte passa pela mãe e o filho e os golpeia com suas asas, e eles caem à margem da estrada. E a Morte continua a caminhar, fixando o horizonte longínqüo.
Na madrugada, o homem vai aos campos à procura de alimentos, mas só encontra terra e pedras. E volta ao meio dia à sua mulher e filhos, de mãos vazias e forças esgotadas.
E quando cai a noite, a Morte passa pelo homem e sua mulher e filhos, e os encontra imóveis e ri e retoma seu caminho, fitando o horizonte longínqüo.
Pela manhã, o lavrador deixa sua cabana e vai à cidade, levando no bolso as jóias de sua mãe e de suas duas irmãs para trocá-las por pão. E, ao entardecer, volta para casa sem pão e sem as jóias, e encontra sua mãe e suas duas irmãs estendidas imóveis, os olhos fitos no vácuo. Levanta os braços para o céu e cai como um pássaro alvejado pelo caçador. E, à noite, a Morte passa pelo lavrador, sua mãe e suas duas irmãs, e os vê dormindo, e sorri, e prossegue seu caminho, olhando para o horizonte longínqüo.
Nas trevas da noite, nessas trevas sem fim, apelamos para vós que caminhais na luz do dia. Ouvis-nos?
Enviamo-vos as almas de nossos mortos como emissários. Compreendestes o que disseram os emissários?
E sobrecarregamos o vento do Oriente com nossos hálitos. Chegou o vento às vossas costas distantes e entregou-vos sua carga? Tomastes conhecimento de nosso flagelo e cuidais de nos

salvar, ou dissestes, na vossa prosperidade e segurança: "Que podem os que vivem na luz fazer pelos que vivem nas trevas? Deixemos os mortos enterrarem os mortos. E que a vontade de Deus seja feita."
Sim, que a vontade de Deus seja feita!
Contudo, não podeis elevar vossas almas acima de vós próprios para que Deus faça de vós mesmos a sua vontade e nosso apoio?
Nas trevas da noite, chamamo-nos uns aos outros.
Nas trevas da noite, o irmão chama seu irmão: e a mãe, seu filho; e o marido, sua mulher; e o enamorado, sua amada. E quando nossas vozes se misturam e se elevam, a morte para um momento, ri de nós, e depois prossegue seu caminho, olhando para o horizonte longínquo.

FILHOS DE DEUSES E NETOS DE MACACOS

Estranho é o destino, e nós também somos estranhos.
O destino mudou. E mudamos com eie.
Andou para frente, e fizemos o mesmo.
E desvelou seu rosto, e ficamos surpresos e felizes.
Ontem, temíamos o destino, e nos queixávamos dele. Hoje, amamo-lo e confiamos nele. E compreendemos suas intenções e sua índole, e seus segredos e seus mistérios.
Ontem, caminhávamos, desconfiados, como sombras trêmulas em meio aos temores do dia e

da noite; hoje, andamos com entusiasmo para os cumes das montanhas onde moram as tempestades e onde nascem o relâmpago e o trovão.
Ontem, comíamos o pão amassado no sangue e bebíamos a água misturada com lágrimas; hoje, recebemos o maná das mãos das fadas da aurora e bebemos o vinho perfumado pela fragrância da primavera.
Ontem, éramos joguetes na mão da fortuna; e a fortuna era um gigante bêbado que nos empurrava ora para a direita, ora para a esquerda. Hoje, a fortuna saiu de sua embriaguez, brinca e ri conosco e nos segue para onde a conduzimos.
Ontem, queimávamos incenso diante dos ídolos e oferecíamos sacrifícios aos deuses irados. Hoje, não queimamos incenso senão para nós mesmos, e não oferecemos sacrifícios senão a nós mesmos, porque o maior e mais esplêndido dos deuses escolheu nosso coração por templo.
Ontem, obedecíamos aos reis e nos curvávamos diante dos sultões. Hoje, só nos curvamos diante da verdade e só seguimos a beleza e só obedecemos ao amor.
Ontem, baixávamos os olhos diante dos sacerdotes e respeitávamos os feiticeiros. Mas os tempos mudaram, e hoje só fitamos a face do sol, e só prestamos ouvido à melodia do mar, e só trememos com a tempestade.
Ontem, destruíamos os tronos de nossos Eus para construir túmulos aos nossos antepassados. Hoje, nossas almas viraram altares sagrados: as

sombras dos séculos não podem aproximar-se deles, e os dedos dos mortos não os podem tocar.
Éramos um pensamento silencioso, escondido nos cantos do esquecimento; tornamo-nos uma voz que sacode as profundezas do espaço.
Éramos uma centelha fraca, recoberta de cinzas; tornamo-nos um fogo aceso nas alturas que dominam os vales.
E quantas vezes passamos a noite deitados sobre a terra nua, recobertos pela neve, chorando as riquezas perdidas e as oportunidades desaproveitadas! E quantas vezes passamos o dia prostrados como ovelhas sem pastor, a tosar nossos próprios pensamentos e a mastigar nossas próprias emoções, sem escapar nem à fome nem à sede! E quantas vezes o dia que findava e a noite que chegava nos encontraram chorando nossa juventude esgotada, sem saber o que desejávamos, sem saber por que estávamos melancólicos, fitando espaços vazios e escuros, atentos ao gemido do vácuo.
Estas foram idades que passaram como lobos entre túmulos. Hoje, a atmosfera está serena, e gozamos a vida em camas celestiais. Nosso é o sonho, e nossos o pensamento e o desejo. Agarramos o fogo com dedos que não tremem. Conversamos com as almas que nos cercam numa linguagem nova. Bandos de anjos, que embriagamos com a melodia de nossas almas, esvoaçam à nossa volta.
Não somos mais hoje o que éramos ontem. Tal é a vontade dos deuses para com os filhos dos deuses. Qual a vossa vontade, ó filhos de macacos?

Andastes um só passo para a frente, desde que saístes das fendas da terra? Ou levantastes os olhos para cima desde que os demônios abriram vossos olhos? Ou pronunciastes uma só palavra do livro da Verdade, desde que as serpentes beijaram vossos lábios?
Ou escutastes um momento sequer a canção da Vida desde que a morte tapou vossos ouvidos?
Há 70.000 anos passei por vós. Estáveis vos agitando como vermes nas fendas das grutas. E há 7 minu¬tos, olhei através do vidro de minha janela, e vos vi andando nas ruas sujas, os grilhões da escravidão apertando vossos pés, e as asas da morte batendo acima de vossas cabeças. Vós sois hoje o que éreis ontem, e assim sereis amanhã.
Somos hoje diferentes do que éramos ontem: tal é a lei dos deuses para os filhos dos deuses. Qual é a lei dos macacos que se aplica a vós, ó filhos de macacos?

À PORTA DO TEMPLO

Purifiquei meus lábios no fogo sagrado para falar do amor, e quando abri os lábios para falar, achei-me mudo.
Cantava o amor antes de conhecê-lo. E quando o conheci, as palavras transformaram-se na minha boca num hálito frágil, e as melodias do meu coração numa quietude profunda.
Quando vós, os homens, me interrogáveis sobre os mistérios e milagres do amor, respondia-vos e convencia-vos. Mas agora que o amor me

envolveu em seu manto, interrogo-vos, por minha vez, acerca de seus caminhos e características. Haverá entre vós quem me responda?
Oh, dizei-me o que é esta chama que arde no meu peito e consome minhas forças, sentimentos e inclinações.
E que são essas mãos invisíveis, ora rudes e ora macias, que agarram minha alma nas horas de solidão, vertendo nela um vinho onde se misturam a amargura do prazer e a doçura do sofrimento?
E que são essas asas que esvoaçam ao redor do meu leito na quietude da noite, e me mantêm acordado, esperando não sei o que, prestando ouvido ao que não ouço, fixando os olhos no que não vejo, pensando no que não entendo, sentindo o que não apreendo, e achando nos suspiros um deleite que não acho no riso e na alegria? Entrego-me a uma força invisível que me mata e me ressuscita, depois me mata e me ressuscita de novo, até que chega a aurora e a luz enche meu quarto. Durmo então, enquanto nas minhas pálpebras definhadas vibram as sombras do despertar e, na minha cama de pedra, dançam os sonhos dos sonhos.
E o que é isto que chamamos amor?
Dizei-me o que é este segredo insondável que se mantém na consciência da vida, atrás dos séculos e da matéria?
O que é este pensamento ilimitado, causa de todas as conseqüências e conseqüência de todas as causas?

O' que é este despertar que abrange a morte e a vida, e tira delas um sonho mais estranho que a vida e mais profundo que a morte?
Dizei-me, ó homens: Há entre vós quem não desperte do sono da vida quando o amor lhe toca a alma com a ponta dos dedos?
E há quem não abandone pai, mãe e pátria, quando ouve o apelo da jovem que seu coração ama?
Há entre vós quem não atravesse mares, desertos, montanhas e vales para encontrar-se com a mulher que sua alma escolheu?
Que jovem não seguirá seu coração até os confins da terra se houver nos confins da terra uma mulher cujo hálito o embriaga e cujo tocar de mão e timbre de voz o encantam?
Que homem não se consumiria em incenso diante do deus que lhe ouvisse as súplicas e lhe atendesse as preces?
Parei ontem na porta do Templo, e interroguei os transeuntes acerca dos mistérios do amor.
Respondeu um velho de corpo decaído e rosto triste, e disse com um gemido: "O amor é uma fraqueza congênita que herdamos do primeiro homem."
E passou um homem forte e musculoso e disse, cantando: "O amor é uma força que acompanha nosso ser e liga nosso presente ao passado e futuro das gerações."
E passou uma mulher de olhos melancólicos, e disse: "O amor é um veneno mortal que exalam as cobras negras nas cavernas do inferno, e ele se espalha na atmosfera e cai envolto nas gotas do

orvalho. As almas sedentas o bebem e embriagam-se por um minuto, depois despertam por um ano e finalmente morrem por um século."
E passou uma rapariga de faces rosadas e disse com um sorriso: "O amor é um elixir que as fadas da aurora vertem nas almas fortes, e essas almas se elevam em êxtase até os astros da noite e flutuam, cantando, diante do sol do dia."
E passou um homem de roupa preta e barba comprida, e disse com severidade: "O amor é uma insânia cega que começa com a juventude e finda com ela."
E passou um homem de rosto iluminado e traços descontraídos, e disse com alegria: "O amor é um saber celestial que ilumina nossos olhos e nos faz ver as coisas como aparecem aos deuses."
E passou um cego que tateava a terra com sua bengala, e disse, lamentoso: "O amor é uma neblina densa que envolve a alma de todos os lados e lhe esconde as realidades da existência; e a alma só enxerga as sombras das suas inclinações que tremem entre os rochedos e só ouve o eco dos seus gritos, subindo do vale."
E passou um jovem carregando uma lira e disse, cantando: "O amor é um raio misterioso que emana do fundo sensível do nosso ser iluminando-lhe os cantos e pintando-lhe o mundo como uma procissão em prados verdes, e a vida, como um belo sonho entre um despertar e outro."
E passou um velho de costas curvadas, arrastando os pés como se fossem dois farrapos e disse, trêmulo: "O amor é o descanso do corpo na

quietude do túmulo e a salvação da alma nas profundezas da eternidade."
E passou uma criança de cinco anos e gritou, rindo: "O amor é meu pai; o amor é minha mãe. E não conhecem o amor senão meu pai e minha mãe."
E o dia se foi enquanto os homens passavam diante do templo, cada um pintando-se a si mesmo, pensando que estava pintando o amor, e expressando suas aspirações, pensando que estava revelando o segredo da vida.
Quando chegou a noite e o silêncio sucedeu ao tumulto, ouvi uma voz que vinha do interior do templo. Dizia. "A vida são duas metades: uma metade gelada e uma metade em chamas. O amor é a metade em chamas."
Entrei então no templo e ajoelhei-me, rezando e suplicando: "Faze-me, ó Deus, o alimento das chamas — faze-me, ó Deus, o alimento do fogo sagrado. Amém."

O REI ENCARCERADO

Paciência, ó rei encarcerado; não estás na tua prisão em piores condições do que eu no meu corpo.
Descansa e resigna-te, ó pai dos terrores. Abalar-se diante das aflições é próprio dos chacais. Aos reis encarcerados, só cabe o desprezo pela masmorra e pelos carrascos.
Acalma-te, ó valente, e olha-me: Sou entre os escravos da vida como tu entre as grades da tua

jaula. A única diferença está num sonho perturbador que envolve minha alma, mas receia aproximar-se de ti.
Ambos vivemos exilados de nossas pátrias, separados de nossos parentes e amados. Acalma-te e sê como eu: paciente diante das amarguras dos dias e das noites, olhando do alto para esses covardes que nos superam pelo seu número e não por seu valor individual.
De que adiantam o rugido e o clamor, já que os ho¬mens são surdos e não ouvem?
Gritei antes de ti nos seus ouvidos, e só atraí as sombras da noite; e examinei-os como tu e só encontrei covardes que simulam a bravura diante dos encadeados, e fracos que ensoberbecem diante dos encarcerados.
Olha, ó rei poderoso, olha para os que circundam agora teu cárcere, fixa seus rostos e neles encontrarás o que encontravas nos rostos dos teus mais humildes súditos e servidores da selva. Contempla os que se assemelham aos coelhos pela sua fragilidade, ou às raposas pela sua duplicidade, ou às serpentes pela sua hipocrisia; mas nenhum deles possui a mansidão do coelho ou a inteligência da raposa ou a sabedoria da serpente.
Olha: este é nojento como o porco, mas sua carne não se come; e aquele é áspero como o crocodilo, mas de nada serve sua pele; e esse é estúpido como o burro, mas anda sobre dois pés. E aquele outro é azarento como o corvo, mas vende seu pio nos templos; e aquela é vaidosa como o pavão, mas suas plumas são postiças.

E olha, ó soberano majestoso, olha para esses palácios e moradas. São, na realidade, ninhos estreitos, habitados por homens que se orgulham com a decoração de seus tetos, esquecendo-se de que esses tetos os separam das estrelas, e com a solidez das suas paredes, esquecendo-se que essas paredes os separam dos raios do sol: são grutas escuras, onde fenecem as flores da juventude, e onde o fogo do amor se transforma em cinzas, e os sonhos em colunas de fumaça. São galerias estranhas, onde o berço do recém-nascido ladeia a cama do agonizante; e a alcova da noiva, o caixão do finado.

E olha, ó prisioneiro venerável, olha para aquelas ruas largas e aqueles becos estreitos: são vales perigosos onde se escondem os assaltantes. São campos de batalha entre as ambições, onde as almas lutam, mas não com espadas, e se dilaceram mutuamente, mas não com garras. Mais exatamente, são a selva dos horrores,

onde moram animais de aparência domesticada, com rabos perfumados e chifres polidos, que obedecem à lei da sobrevivência não do melhor, mas do mais astucioso e mais fingido, e respeitam as tradições que exaltam não o mais forte e o. mais dotado, mas o mais hipócrita e o mais falso. E seus reis não são leões como tu, mas criaturinhas estranhas que têm o bico da águia, e as garras do lobo, e o ferrão do escorpião, e o coaxo das rãs.

Pudesse eu resgatar-te com minha vida, ó rei encarcerado! Demorei demais e falei demais diante de ti. Mas é o coração destronado que acha

consolo junto aos reis destronados; é a alma prisioneira e solitária que gosta da companhia dos prisioneiros e dos solitários. Perdoa, pois, a um jovem que mastiga palavras em vez de alimentos, e bebe seus próprios pensamentos em lugar de vinho.
Até a vista, ó gigante majestoso. Se não nos encontrarmos de novo neste mundo estranho, encontrar-nos- emos no mundo das sombras, onde as almas dos reis se reúnem com as almas dos mártires.

UMA VISÃO

Qando a noite estendeu seu manto negro sobre a terra, deixei meu leito e dirigi-me ao mar, dizendo a mim mesmo: "O mar não dorme; e sua insônia é um consolo para as almas que não dormem."
Atingi a costa. O nevoeiro, ao descer das montanhas, havia estendido sobre ela um véu transparente, similar ao véu cinzento que esconde o rosto das beldades. Detive-me a contemplar os exércitos das ondas, a escutar- lhes o tumulto, e a meditar sobre as forças eternas escondidas atrás delas. Havia visto essas forças correr nas tempestades e rebelar-se nos vulcões e sorrir nas rosas e cantar nos arroios.
Momentos depois, virei-me e vi três fantasmas sentados sobre um rochedo próximo. O nevoeiro os escondia, e não os escondia. Caminhei em sua direção, atraído, contra a vontade, pelo poder de sua sedução. Mas parei a uns passos deles, e ouvi

um deles falar com uma voz que parecia vir das profundezas do mar. Dizia:
— Uma vida sem amor é como árvores sem flores, e sem frutos. E um amor sem beleza é como flores sem perfume. Vida, amor, beleza: eis a minha trindade.
Disse, e sentou-se.
Então, levantou-se o segundo fantasma e disse numa voz que evocava o barulho surdo de águas abundantes:
— Uma vida sem rebelião é como estações sem primavera. E uma rebelião sem justiça é como uma primavera numa terra inculta e árida. Vida, rebelião, justiça: eis a minha trindade.
Então, o terceiro fantasma levantou-se e, numa voz que parecia um trovão distante, disse:
— Uma vida sem liberdade é como um corpo semi alma. E uma liberdade sem objetivo é como uma mente sem pensamento. Vida, liberdade, objetivo: eis a minha trindade.
Depois, os três fantasmas se levantaram ao mesmo tempo e com vozes terríveis, proclamaram:
— O Amor, a Rebelião e a Liberdade são três emanações de Deus. E Deus é a consciência do mundo racional.
Houve então um silêncio acompanhado pelo roçar de asas invisíveis e a vibração de corpos celestiais. Fechei os olhos para escutar o eco das palavras pronunciadas. E quando os reabri, nada vi senão o mar velado pela cerração. Aproximei-me do rochedo onde os fantasmas estavam sentados.

Mas não vi nada senão uma coluna de incenso elevando-se para o céu.